



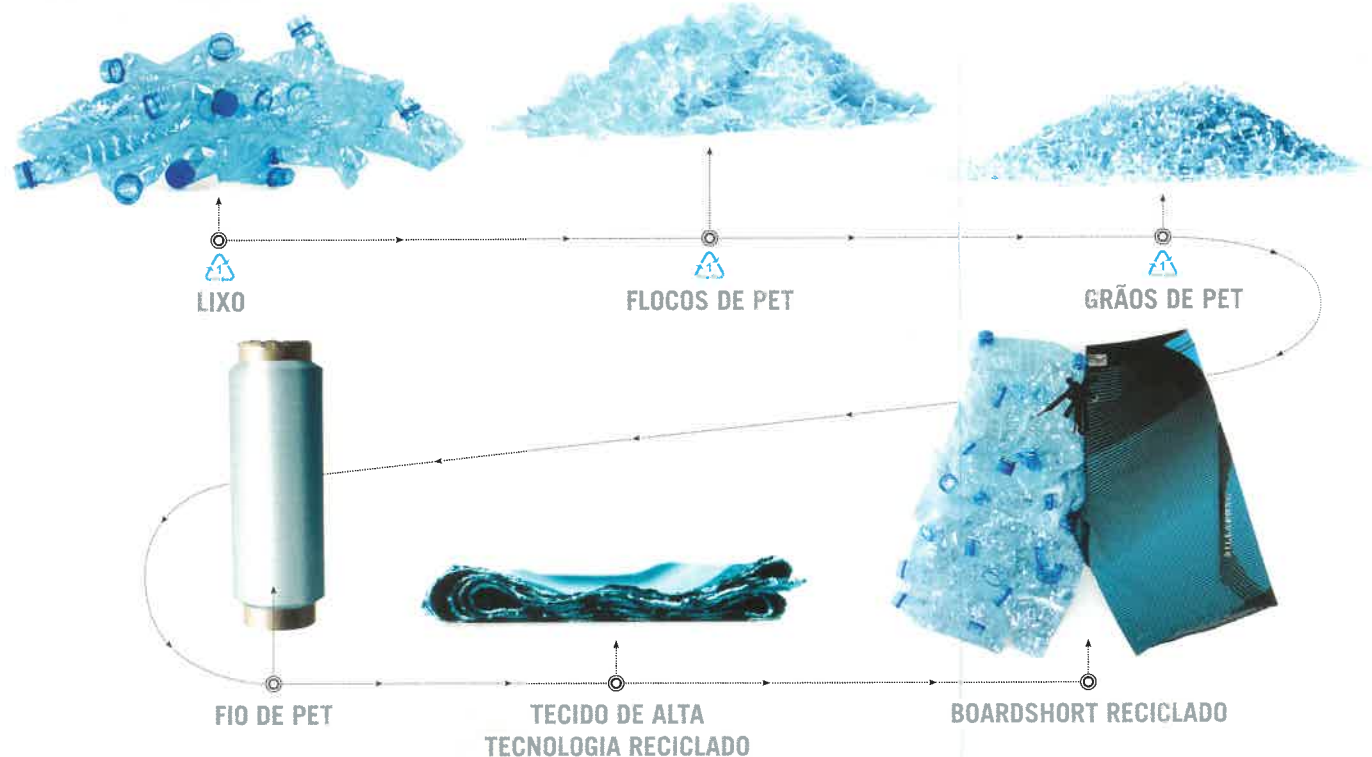
The End of Summer

**A poluição e a radiação do mar vão mudar muitas histórias.
Faça sua parte: ajude a defender e preservar os oceanos.**

ALMAP BBDO

BILLABONG RECYCLER

APROXIMADAMENTE
25
GARRAFAS



MILHÕES DE GARRAFAS PLÁSTICAS SÃO DESPEJADAS NOS OCEANOS E ATERROS TODOS OS DIAS. BILLABONG É A PIONEIRA E CONTINUA A LIDERAR UM DOS PRINCIPAIS MOVIMENTOS AMBIENTAIS PARA REDUZIR O DESPERDÍCIO DE GARRAFAS PET DANDO A ELAS UMA VIDA NOVA:
TRANSFORMANDO-AS EM BOARDSHORTS RECICLADO.

UM BILLABONG BOARDSHORT SALVA APROXIMADAMENTE 25 GARRAFAS PET DE TERMINAREM NOS OCEANOS E ATERROS. COM A SUA AJUDA, GLOBALMENTE, MAIS DE **57 MILHÕES** DE GARRAFAS PLÁSTICA JÁ FORAM TRANSFORMADAS EM BOARDSHORTS.
OBRIGADO POR FAZER A SUA PARTE !



SALVANDO MILHÕES DE GARRAFAS
PETS DOS NOSSOS OCEANOS
#BILLABONGRECYCLER



4 x Sima Environmental Product Awards



billabong.com/br
instagram/ @billabongbr
twitter.com/billabongbrasil
facebook.com/billabongbrasil

ENCONTRE OS PRODUTOS NAS LOJAS BILLABONG,
NAS PRINCIPAIS SURF SHOPS DO BRASIL, OU ACESSE:
>> shop.billabong.com.br



Participe com o seu
Mitsubishi 4x4
dos ralis Mitsubishi.
mitralis.com.br

Carlos Burle
4x4
E MITSUBISHI

RECORDISTA E
BICAMPEÃO
MUNDIAL
DE ONDAS
GRANDES.

CARLOS BURLE

TRABALHO EM
EQUIPE É ISTO:
VOCÊ ENTRA
COM O TALENTO,
E A NOVA L200
TRITON 2015
COM UMA DOSE
EXTRA DE FORÇA
E RESISTÊNCIA.



L200TRITON.COM.BR

Respeite os limites de velocidade.



NOVA MITSUBISHI L200 TRITON

SISTEMA MULTIMÍDIA POWER
TOUCH COM GPS INTEGRADO 3D,
EM PORTUGUÊS, DVD¹, CD, MP3,
CONEXÃO BLUETOOTH[®] E ENTRADA USB.



NOVO POWER TRAIN: MOTOR MAIS POTENTE,
TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA COM SPORT
MODE COM ATÉ 15 COMBINAÇÕES²
DE MARCHA E TRACÇÃO 4X4 EASY SELECT.



NOVO TANQUE DE COMBUSTÍVEL
COM 90 LITROS DESEMPENHO
E AUTONOMIA EM LONGAS DISTÂNCIAS.



MITSUBISHI L200 TRITON É **4x4** É RESISTÊNCIA.

¹Funcionamento apenas com o freio
de estacionamento acionado.
²Disponível apenas para a versão LPE Diesel.



AFRICA

PROFICUAL MITSUBISHI

O'NEILL 
ESTABLISHED | NINETEEN 52

—ONEILLSHOP.COM.BR—





VOCÊ PODE MAIS COM BIC FLEX 4.



BARBEAR + RENTE



RECARREGÁVEL



BARBEAR + SUAVE

NOVO
NUEVO

CHEGOU BIC FLEX 4,
O BARBEADOR RECARREGÁVEL DA BIC.

www.bicflex4.com.br



BIC. É ASSIM QUE SE FAZ BARBA.





arcos

Chloé Calmon
Entre as 10 melhores surfistas
de longboard do mundo.

ENERGIA QUE IMPULSIONA O BRASIL.

Você sabia que a Eletrobras Furnas possui mais de 20.000km de linhas de transmissão de energia no Brasil? Essa é a força que o Brasil precisa. E o esporte brasileiro também. A Eletrobras Furnas apoia os atletas brasileiros.



 Eletrobras
Furnas

Ministério de
Minas e Energia

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

EDITORIAL

DESTRUIÇÃO... PRAIAS E MARES

Destruição... praias e mares.

Estamos destruindo nosso modelo de negócio aqui na empresa e construindo outro. Destruir para construir.

Temos aprendido a servir um Brasil que pouco conhecíamos em termos de brasileiros. Estamos colocando centenas de milhares de pessoas em contato com a praia, com o mar e seus encantos.

Nossa origem midiática continua firme na veia. Mas nossa maneira de editar e expressar a vida na praia – com seus esportes, moda, cultura, entretenimento e ambiente – tem sido cada vez mais forte em eventos e em sua cobertura do que nas tradicionais mídias impressas, nossa origem, bem como nas plataformas digitais.

Nessas andanças, e nas realizações de nossos eventos, que em 2013 foram 75, em 10 estados e 46 municípios praianos, fui pouco a pouco constatando: a destruição das praias já é uma realidade e não ficção ou profecia.

Somei minha bagagem e quilometragem internacional recente para decidir que o primeiro tema da nova fase da **Alma Surf**, que passa a ser trimestral e sempre temática, seria a “Destruição de praias e mares”. Esse é o melhor tema para alicerçar a vocação que a **Alma Surf** sempre teve, de ser uma revista importante e interferente.

Enquanto eu elegia a melhor maneira de construir esta edição, fui refletindo que tenho relacionamento com as melhores cabeças do mundo. E percebi que, com o passar do tempo e o nível da equipe que orbitou a redação nos últimos anos, ficou adormecido este tremendo tesouro intelectual – a minha relação com a inteligência e o pensamento da praia e do surf no mundo todo.

Com essas duas constatações, esta edição tem três grandes marcas da nova etapa que se inicia: o envolvimento dos maiores editores do mundo conosco neste tema; a primeira edição bilingue da **Alma Surf**; e o primeiro documento que retrata a dramática situação em que as praias se encontram no mundo todo.

Temos a obrigação de nos conscientizar da gravidade do descaso e da cultura de praia como lixeira permanente; e que, em pleno século 21, ainda temos ritos que maltratam as praias e os mares, como o dia de Iemanjá, ano novo e algumas outras festas que emporalham nosso litoral, como se fosse perdoável por se tratar de ano novo ou dia de Iemanjá...

Acredito no ser humano, acredito em nossa evolução. E, ao contrário do que estamos fazendo aqui na empresa, destruir um modelo para construir outro de negócio, a natureza pede que tomemos consciência da destruição enquanto ela pode ser reversível, pois já temos no mundo pelo menos quatro dezenas de mares mortos e praias proibidas ao uso.

Espero que tenhamos alma de surfistas para ajudar a construir a consciência antes que a destruição das praias seja irreparável.

Vamos para a frente, para cima e para a luz.

Praia boa é praia limpa.

Aloha.



Foto de Spencer Murphy para uma campanha do site inglês Surfers Against Sewage.

Spencer Murphy's picture for English website Surfers Against Sewage campaign.

Destruction... beaches and seas

Here, in the firm, we are destroying our business model to build a new one. We are destroying to build.

We have learned to work for a Brazil that we barely knew in terms of Brazilian people. We are connecting hundreds of thousands of people with the beaches, with the sea and its beauties.

Our media background is still very strong. But the way we edit and express the life on the beach – with its sports, fashion, culture, entertainment and environment – has become each time bigger in terms of events and its coverage than the traditional printed media, our origin, and on the digital platforms.

During these journeys and the realizations of our events, 75 in 2013, covering 10 states and 46 beach municipalities, I gradually noticed: the degradation of the beaches is already a reality and not a fiction or prophecy.

*I gathered my experiences and recent international mileage to decide that the first topic of **Alma Surf** new phase – which now is quarterly and always thematic – would be “Destruction of beaches and seas”. It is the best topic to strengthen **Alma Surf** vocation as an important and interfering magazine.*

As I was choosing how to build up this edition, I remembered that I knew the best minds in the world. And I realized that, as time goes by and considering the mind of the team that has worked in the editorial board in the last years, this tremendous intellectual treasure had felt asleep – my relationship with the cleverness and with the concept of beach and surf in the whole world.

*Based upon these considerations, this edition reflects three main aspects of the new phase which now begins: the commitment of the major world editors together with us in this matter; the first bilingual edition of **Alma Surf**; and its first published document describing the dramatic situation of the beaches all around the world.*

We have to be conscious about the seriousness of the negligence and of how the beaches are treated as permanent garbage tins; and also that, even in the 21st century, we still follow rituals that badly treat beaches and seas, such as Iemanjá Day, New Year's Eve, among others, that muck up our shoreline, as if we could forgive such behaviors on those special occasions...

I believe in the human being, I believe in our evolution. And, unlike what we are currently doing in our firm, destroying a business model to build another one, nature requires that we perceive this destruction while it is reversible, as there already are about forty dead seas and forbidden beaches in the world.

I hope that we have the Soul of surfers to help building such consciousness before the destruction of the beaches is irreversible.

Let's go ahead, above and to the light.

Good beach is clean beach.

Aloha

Romeu Andreatta
publisher

EVOKE CONSCIOUS DESIGN

#EVOKECONSCIOUSDESIGN



Equilíbrio. O Projeto Evoke Conscious Design é uma iniciativa de desenvolver óculos com matérias-primas que respeitam o meio ambiente, como o acetato italiano reciclado, o Bioplastic e madeiras certificadas. As embalagens trazem o selo FSC (Forest Stewardship

Council) de produção sustentável e estojos produzidos em tecido de pet reciclado forrados de algodão natural. As coleções do Evoke Conscious Design traduzem o estilo Evoke e expressam de forma genuína os nossos valores e a nossa intenção de inovar e ir além.

EVOKE
EYEWEAR

DESTRUIÇÃO DAS PRAIAS E DOS MARES. UM RESUMO DO DESCASO E DO DESCONTROLE. 16

The destruction of beaches and seas: an overview on negligence and lack of control

Uma seleção de algumas imagens da curadoria ambiental do Festivalma 2014, por Fernando Costa Netto.
A selection of some images from environment curatory of Festivalma 2014, by Fernando Costa Netto.

AUSTRÁLIA DO AVESSO 24

Australia inside out

Derek Hynd comenta o desvio à direita na política interna da Austrália e as consequências para o meio ambiente.
Derek Hynd says the right shift in Australia's domestic policy and the consequences for the environment.

PERU INOVA COM LEI DE PROTEÇÃO 32

Peru innovates through a protection act.

Pablo Zancocchi avalia as condições de balneabilidade das águas no Peru e destaca a ação governamental.
Pablo Zancocchi assesses conditions for bathing waters and highlights government action in Peru.

PARADOXO LUSITANO 34

Portuguese paradox

João Valente faz um raio-x da situação das praias em Portugal.
João Valente does a x-ray of the situation on Portugal beaches.

RADIOATIVIDADE DE FUKUSHIMA MIGRA PELO PACÍFICO 42

Fukushima radioactivity migrates through Pacific

Celia Almudena analisa a questão de Fukushima e a radiação nuclear no Pacífico.
Celia Almudena examines the question of Fukushima and nuclear radiation in the Pacific.

CAOS EM BALI: ENTRE TUBOS E PLÁSTICOS 46

The beaches and oceans in check

Turismo descontrolado em Bali transforma as praias em depósito de lixo, revela Eduardo Petta
Uncontrolled tourism in Bali transform beaches into garbage dump, reveals Eduardo Petta.

PRAIAS E OCEANOS EM XEQUE 52

The beaches and oceans in-check.

Integrantes da Global Garbage alertam para os impactos físicos e químicos nos oceanos.
Members of the Global Garbage warn of the physical and chemical impacts on the oceans.

SAVE THE WAVES: ENTIDADE ASSUME O PATRIMÔNIO DOS SURFISTAS 54

Save the Waves: an entity takes on the surfers' estate

Diretor da entidade Save The Waves fala sobre o seu trabalho de proteção aos oceanos.
Director of the organization Save The Waves talks about his work to protect the ocean.

EROSÃO AFETA CASAS NO NORTH SHORE 58

Erosion affects houses on the North Shore

Fotógrafo Sean Davey fala da erosão que ocorre no North Shore de Oahu, Hawaii.
Photographer Sean Davey speaks about the erosion that takes place on the North Shore of Oahu, Hawaii.

almasurf nº 76 abr/mai/jun 2014

Improve Produção e Curadoria Editorial SA
Maria Dias Carvalho

Publisher: Romeu Andreatta Filho

Editor-Chefe: Alceu Toledo Junior
juninho@almasurf.com.br

Direção de Arte: Rodolfo Rezende

Redação (estagiária): Luísa de Campos

Revisão: Francisco José M. Couto

Dir. de planejamento comercial e produção:

Renata Tripoli

renata@almasurf.com.br

Financeiro: Fábio Pich

financeiro@almasurf.com.br

Eventos: Patrícia Mekitarian
patricia@almasurf.com.br

Tráfego: João Carlos F. de Araújo

Distribuição: Dinap S.A.

Distr. Nacional de Publicações

Impressão: IBEP Gráfica

Colaboradores de textos:

Celia Almudena

Derek Hynd

Eduardo Petta

Fabiano Prado Barreto

Fernando Costa Netto

Gabriel Monteiro

João Valente

Pablo Zancocchi

Sean Davey

Colaboradores Fotos:

Bruno Lemos

Christian Franz

Daniel Kfour

Denis Santos

Diogo Lagroteria

Gina Sinotte

Luis T. Nunura

Kenyu Takahashi

Luciana Whitaker

Marcella Marer

Marcio Oliveira

Maristela Colucci

Miguel Dolce

Pablo Zancocchi

Paulo Batalha

Pedro Jorge

Ricardo Bravo

Ricardo Borghi

Sean Davey

Spencer Murphy

Tárlis Schneider

Tuca Reines

Tweedle

Will Henry

Zak Noyle

Jornalista Responsável:

Romeu Andreatta Filho

A revista Almasurf é uma publicação trimestral da Improve Produção e Curadoria Ltda. As matérias publicadas não refletem

necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi, São Paulo, SP
05716-060

Fone: 55 (11) 3744-3711

Tiragem: 25.000 exemplares

Foto de capa: Spencer Murphy

Inglaterra

www.almasurf.com

almasurf@almasurf.com.br



SINTA-SEMORMAI

ATLETA
Marco Giorgi



MOCHILA
MORMAI

Ref.: MROA72901
1149909



@mormaiioficial

Foto: Daniel Ernst



Por Fernando Costa Netto,
da Doc Gallery, assina a curadoria da exposição no
Festivalima com o tema Fotografia / Meio Ambiente

DESTRUIÇÃO

DAS PRAIAS E DOS MARES: UM RESUMO DO DESCASO E DO DESCONTROLE

The destruction of beaches and seas: an overview of negligence and lack of control

Copacabana, Rio de Janeiro (RJ)
Foto: Paulo Batalha

As imagens selecionadas para a exposição representam as faces mais visíveis da degradação do oceano no Brasil, com um retrato alarmante feito por alguns dos mais representativos fotógrafos da imprensa brasileira.

Entra verão, sai verão, e a poluição das nossas praias e do nosso mar continua sendo tratada pelas autoridades como uma intempérie da natureza.

Como se fosse uma chuva forte e nada se pudesse fazer além de esperar passar os meses de temporada para virar tema coadjuvante no noticiário.

Somos surfistas e preservacionistas, acreditamos na força do mar e da natureza, e desde crianças transformamos o litoral em nosso quintal, numa extensão da nossa casa. É profundamente lamentável constatar que este abandono já faz parte do jogo.

A paisagem, que deveria ser apenas linda e exuberante na maioria das fotos selecionadas entre mais de 100 que nos enviaram do Brasil inteiro, apresenta um cenário infame e real, traz sérios efeitos psicológicos, reflete a autoestima do Brasil e da população brasileira.

Essas fotografias são um resumo do descaso e do descontrole político. É o retrato de um país doente que perdeu a mão na relação estado-cidadão.



The pictures selected for the exhibition represent the most visible aspects of the ocean degradation in Brazil, as an alarming image made by some of the Brazilian press most representative photographers. Summer comes and goes, and the pollution of our sea is still being handled by the authorities as a natural bad weather issue.

As if it were a matter of strong rain and nothing could be done besides waiting for the end of the season when the topic turns to be second-page news.

As surfers and preservationists, we believe in the force of the sea and nature and, since childhood, we transformed the seaside into our backyard, as an extent of our home.

It is deeply pitiful to see that such dereliction is already part of the game.

The landscape, which should only be beautiful and colorful in most of the selected pictures among more than 100 that came from all over Brazil, shows an infamous and real setting, carrying along some heavy psychological effects, as a reflection of the Brazilian population self-esteem.

These pictures are an overview on the political negligence and lack of control. It is the image of a sick country that has lost ground in the relationship state-citizen.

Parque Nacional do Superagui (PR)
Foto: Diogo Lagroteria



Ilha de Paquetá, Rio de Janeiro (RJ)
Foto: Christian Franz



Baía de Guanabara, Rio de Janeiro (RJ)
Foto: Luciana Whitaker



Tramandaí (RS)
Foto: Târlis Schneider



DESTRUIÇÃO



Salvador (BA)
Foto: Tuca Reines



Bertioga (SP)
Foto: Denis Santos



Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro (RJ)
Foto: Marcella Marer



Angra dos Reis (RJ) nas laterais.
No centro, Fernando de Noronha
Fotos: Maristela Colucci



Mercado Ver-o-Peso, Belém (PA)
Foto: Daniel Kfourri

DEFEIÇÃO

AUSTRÁLIA DO AVES 2020

Jornalista e ex-competidor, Derek Hynd desmistifica o país e suas políticas ambientais destrutivas.
AUSTRALIA INSIDE OUT. Journalist and former competitor, Derek Hynd demystifies the country and its destructive environmental policies.



Superbank, onda erguida graças a dragagem do rio Tweed.
Superbank, the dredging of the Tweed river has made this wave

O conceito de sustentabilidade deve ser colocado no contexto de como a era atual será lembrada. A vida só continuará sustentável para os surfistas enquanto o planeta sobreviver. A Austrália como nação, no entanto, tem muita responsabilidade nisso. O país bloqueou sistematicamente os protocolos mundiais que preveem a melhor forma de reduzir com urgência as emissões de carbono.

Daqui a 300 anos, quando os historiadores analisarem os séculos 20 e 21 para as crianças nas escolas, o foco das atenções não serão os massacres de Hitler, Stálin e Pol Pot. O foco vai convergir sobre o mal maior, a incapacidade de evitar as alterações climáticas. Tony Abbot, atual primeiro-ministro da Austrália, e seu mentor John Howard, o ex-primeiro-ministro, encabeçam a lista de autores do pior ato humano, a morte do planeta.

A vocação política, social e ambiental da Austrália é uma atrocidade. A maior parte da opinião pública se deslocou para a direita. Ganhar dinheiro à custa dos valores morais é uma atitude tolerada. Os cidadãos, surfistas ou não, se fixam em cidades costeiras, enquanto desaparecem os fazendeiros e a produção primária. Eles formam o novo rebanho da terra. E a mentalidade de vida em rebanho é perigosa. Sempre foi.

O enfoque histórico das massas sempre esteve ligado à ilusória fartura, à falsa riqueza. Espoliado, o rebanho australiano leva uma vida endividada e à mercê

da política governamental. Não consegue se mover para fora da "caixa". São 10 milhões de cidadãos, animais de carga, burros de pensamento conservador, rebocados pela falta de visão.

A tendência normal é o conservadorismo de direita. O tema principal – os refugiados. Aqueles que chegam de barco são enviados para a cadeia. O rebanho considera aceitável prender homens, mulheres e crianças que vêm para o país da "sorte". Não se vê problema em punir estrangeiros em desespero. É uma era de retrocesso ao macarthismo vivido nos EUA na década de 1950.

A propaganda do medo parece ter unido os australianos por uma causa comum, além de seus problemas econômicos. Só um surfista, é capaz de ficar chapado e flutuar nesse estado inebriado. O novo rebanho desvia-se de seus próprios problemas. Deu seu voto para Tony Abbott, o político mais perigoso da história da Austrália – já era um perigo quando universitário, em meados dos anos 1970. Hoje é ainda mais perigoso na condução do rebanho.

A Austrália é uma concha em si mesma. Controlado

por interesses estrangeiros, o país é uma grande mula de carga de projetos de outros países e grandes corporações. A Austrália já não pode mais contar com alimentos produzidos localmente. O país já não constrói seus próprios navios. As montadoras estão fechando suas portas. A indústria primária ou secundária é como flor no deserto.

A vasta riqueza mineral e o setor imobiliário estão escapando de seu controle. O país nega que o homem cause as alterações climáticas e bloqueie tratados internacionais. Baleeiras japonesas são aceitas em águas australianas. A Austrália pode ser dura com os refugiados, mas se submete aos mais poderosos.

Deflexões

Esconde-se na Austrália um disfarçado fascismo. Ele tem estado à vista nos últimos quinze anos. Tudo começou há tempos com o dono de um pequeno negócio em Queensland, Pauline Hanson, quando ele concorreu a um cargo durante a velha política da Austrália branca de 1960. Em outras palavras, a ordem era manter negros e asiáticos fora. E os eleitores se



uniram a ele.

Desde então, a nação perdeu sua credibilidade. A democracia funciona, mas com uma frieza sociopata para com o próximo. É assustadora a capacidade de impor dificuldades. Chegado o dia da eleição, os direitos humanos pouco importam. É uma ilusão sonhar com a Austrália. O australiano comum é caloroso e doador. O alemão comum também era caloroso e doador em 1930.

O impacto da presença do homem branco na Terra Australis, grosso modo, é o assassinato desde o início, com ignorância, doença, roubo, estupro, corrupção, degradação cultural, genocídio, poluição, misoginia e, por último, mas não menos importante, vandalismo ambiental e geológico.

Isso ocorreu no primeiro dia, 29 de abril de 1770, com a chegada do capitão James Cook e o assassinato de dois nativos. Ocorre ainda no dia de 89.200º, 30 de março de 2014, data em que empresas mineradoras de carvão invadem propriedades privadas.

A consciência moral está desaparecendo. Como surfistas, vemos santuários marinhos perderem a proteção, enquanto as baleias continuam a ser mortas em águas australianas. Talvez seja apropriado que este primeiro-ministro, Tony Abbott, se diga surfista, desde que o surf é um dos últimos redutos da civilização ocidental sem lei.

Uma face cruel do surf atual, em qualquer lineup lotado, mostra o surfista mais forte isolando os mais fracos, pegando para si as melhores ondas sem respeito algum. É nesse ambiente que caminha a triste humanidade.

O surf se sustenta de forma tão cruel? Sim.

Isso não vai mudar. Ninguém protesta contra esse tipo de comportamento. Mulheres e iniciantes são os que mais sofrem, especialmente quem usa pranchinhas. É a reversão ancestral de matar ou morrer no pântano social que se esconde em todos nós.

A onda de Snapper Rocks representa o farol dessa escuridão.

Era uma vez três ondas, Snapper, Greenmount e Kirra, cujos privilégios diferentes grupos de locais desfrutavam como sócios, distinguindo-se das outras hordas. Houve uma deformação dessas praias de Coolangatta, por causa da dragagem de areia, e por isso a área de drop foi reduzida a uma faixa de apenas 20 metros. Sem piedade.

Outras quinhentas pessoas pegam o que sobrou da onda de 3 quilômetros.

Aceitam sem chiar o corte estabelecido pelo darwinismo social, enquanto prevalece a má vontade, a clássica mentalidade de prejudicar o semelhante: celebra-

se a infelicidade de alguém que cai na onda, para que ela então seja retomada.

A onda foi erguida graças à dragagem do rio Tweed. A areia é bombeada a um fluxo constante. Embarcações de passeio negociam sua entrada no rio em relativa segurança. No entanto, a interferência na natureza tem impacto em outro lugar. A vida imita a natureza. O acúmulo de areia arruinou estuários localizados ao norte, ao final da grande baía, em Burleigh Heads.

O que antes era uma curta caminhada pela água até Kirra agora leva 10 minutos. Mas o calor da areia impede a caminhada pela praia. Bueiros despejam um lodo marrom. O comércio durante os feriados, bem como os pequenos estabelecimentos, estão falidos.

Inevitavelmente, a meteorologia global tem ciclos a longo prazo. É bem possível que o superbanco de areia tenha existido há 130 anos por motivos naturais. Como foi publicado no livro de Rusty Miller 2014 Byron Bay Guide, o trabalho de vigilância da Marinha foi iniciado em 1883 pelo capitão Howard R. N., ano em que, de julho a setembro, 7 mil medidas de profundidade foram feitas no cabo Byron.

O relatório mencionava uma baía de Byron totalmente diferente,

em que a areia se deslocava de outra maneira, como se isso sugerisse um clima contrário ao de hoje, com vendavais de sudeste tão comuns que a areia acumulada acabou construindo um superbanco, de modo a criar um cinturão de areia profunda na extremidade do ponto mais a leste da Austrália (baía de Byron). Já existia um corredor perfeito – mas 2 quilômetros ao largo do que hoje é conhecido como The Pass. Corria de sul a norte, da extremidade do mais remoto cabo, e não de nordeste a sudoeste como hoje acontece.

Considerando essa informação, é bem provável que Snapper Rocks tenha tido as mesmas correntes de areia. De fato, no decorrer dos séculos, é provável que esse padrão predominante tenha formado as montanhas de areia que se tornaram Noosa Heads, Double Island Point e Fraser Island.

Inevitavelmente, uma administração sustentável da costa também diz respeito ao aspecto negativo do bombeamento de areia – a erosão da praia. A realidade da erosão da praia é diretamente sentida pelos donos de casas que procuram a mais bela forma de viver, i.e., olhando para o mar. Trata-se de um sonho moderno, o sonho da vida na praia. Até os anos 1950, muitas casas de praia foram

construídas atrás das dunas, com vista para o interior. A cultura de praia não era o foco de um modo de viver australiano, ainda vinculado, nessa época, à “ética protestante do trabalho”. As casas se espelhavam no foco da vida – a fazenda, a cidade, a Mãe Inglaterra.

A revolução urbana do começo de século XX, com canalizações de água e píeres de pedra à beira-mar, deveria ter alertado as partes envolvidas em relação aos perigos provocados pela erosão em uma época em que as pessoas já se amontoavam em quarteirões de prédios enfileirados frente ao mar. Contudo, isso ainda não seria o caso pelos cinquenta anos seguintes.

A estabilização dos sistemas de dunas dos anos 1960 protegeu propriedades privadas, estacionamentos e clubes de surf, mas, em contrapartida, acabou com o movimento natural e contínuo da areia. Qualquer tempestade amena que passasse pelo dreno de escoamento de água multiplicava os problemas para as casas de praia modernas – como ficou provado na praia de Newport, na noite de 26 de maio de 1974, em que houve uma enorme tempestade na costa leste da Austrália. Sem o escoamento natural nas ondas do oceano, a protuberância de concreto agiu como um mecanismo de represa. A única saída foi para dentro das terras.

Os sistemas de areia das praias de Newcastle até Wollongong (Sydney, no meio) desapareceram, expondo, pela primeira vez desde a chegada de Cook, o alicerce de rochas. E o tamanho das ondas? Na manhã seguinte, as ondas varriam clubes de surfe, casas e até ruas principais; a linha do horizonte estava ondulando ao ritmo das ondas – isto é, 10 quilômetros para o mar, com a borda da onda demorando 3 segundos para atingir o fundo

O homem interferiu segundo o princípio de que é dando que se recebe, como mostra o superbanco de Snapper Rocks, que esteve na origem da fortuna de Mick Fanning, Joel Parkinson e Stephanie Gilmour, e que arruinou a mais abaixo.

Há cerca de quarenta, no começo dos anos 1970, isso permitiu a aparição de inovações em termos de desempenho no surf moderno, em Lennox Head, apesar de ser um sistema de dunas removido e poluído. A extração de rutilo da areia (maldição da época) foi feita em uma praia mais ao sul, Boulder, e a areia usada era levada até Lennox Head pela corrente para formar o primeiro superbanco. Algumas pessoas, como Nat Young, Wayne Lynch, Keith Paul, Baddie Treloar, Rusty Miller, Russell Hughes, Michael Petersen e George Greenough, aperfeiçoaram o que pode ser descrito como o futuro do surf com o uso de trails embaixo de pranchas semi-guns, anos antes das cordinhas para a perna.

Essa época foi crucial na história da Austrália, a união da esquerda e do pensamento lateral com a eleição do governo trabalhista de Gough Whitlam. A palavra de ordem era “chegou a hora”. Ao contrário de muitos políticos que prometiam se



Gough Whitlam e a era progressista na Austrália
Gough Whitlam and the progressive era in Australia



tornar governos estagnantes, Whitlam abalou a fortaleza da Austrália conservadora pós-guerra. Em vez do alistamento para a Guerra do Vietnã, com o qual acabou, ele apresentou plataformas progressistas aos jovens da época e aos ambientalistas, diplomatas, educadores, artistas, músicos, jornalistas, pensadores, pacifistas, aborígenes, às feministas, mulheres na força de trabalho e aos surfistas.

Ser surfista na época de Whitlam parecia ser algo idealmente sustentável, definido pela magia de poder perambular ao longo da costa, de um ponto ao outro, de lanchonete em lanchonete, de amigo surfista em amigo surfista. Como primeiro-ministro ele se mostrou um antídoto a muitas doenças da história moderna australiana. Por outro lado, permitiu que a Indonésia invadisse o Timor Leste, levando à perda de muitas vidas, inclusive de jornalistas australianos que seguiram o decorrente processo de separação e independência de Portugal. Isso politicamente manchou seu legado.

Whitlam representou as forças de mudança por três anos até seu governo ser deposto fora do processo democrático – o momento mais controverso da história da Austrália. A mão de Washington, com a perda do Vietnã e o auge da Guerra Fria, estava controlando tudo.

Final de contas, a vida na Austrália é fácil. Se comparada à maioria das outras nações, é um cruzeiro. Não é difícil achar emprego. É pouco provável que as pessoas sejam mortas enquanto dormem. Desde que haja algum esporte para acompanhar, verão,

inverno, tudo é relativamente calmo aqui.

A vida do surfista está em constante renovação. O surfista sempre pode se esquivar às pressões da vida indo para o mar e ficando molhado, ou chapado e molhado. Sempre tive problema com os caras “chapados”. As drogas são um mecanismo de escape – e foi esse mecanismo que arruinou a Austrália.

Será que a vida como hoje é aceita na Austrália é aceitável se não for sustentável? Trata-se de uma questão de perspectiva. A Austrália perdeu o controle do próprio destino. Tony Abbott não é nenhum Gough Whitlam e os erros do conservadorismo aniquilam o passado.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A Grã-Bretanha do século XVIII, que procurava um lugar isolado para onde enviar seus criminosos mais reles, pensou antes na África ocidental. O primeiro assentamento fracassou quando os condenados fugiram para o deserto e morreram de sede. O capitão Cook descobriu a baía Botany, na costa leste da Nova Holanda, em 29 de abril de 1770. Por uma ironia do destino, o explorador francês La Pérouse quis reivindicar o território para a França, mas chegou à mesma baía algumas horas mais tarde. As apostas eram de cerca de 10.000 contra um. Cook reivindicou o território para o Império Britânico e nele fincou a bandeira.

Após matar alguns nativos curiosos, o minúsculo navio de Cook navegou para

o norte e descobriu um dos maiores portos naturais a 8 milhas náuticas de distância. A busca de um território que pudesse acolher os condenados havia acabado. A presença do grupo na extremidade do ponto mais a leste da Terra Australis, no que ia se chamar cabo Byron, foi um desafio à soberania que seria notado apenas duzentos anos depois, quando muitas terras acabaram sendo devolvidas aos aborígenes. Em 1778, o capitão Phillip chega com seis navios para fundar a colônia. O impacto ambiental começa com a morte de aborígenes. A colônia de Phillip desmorona. Ele e seus homens não possuem as habilidades necessárias para sobreviver da terra e do mar. Um pedido de ajuda é enviado à colônia britânica mais próxima. Naquela época o “e-mail” demora seis meses para chegar. A viagem ao fim do mundo, rumo à Cidade do Cabo, acaba com simples “não”. Cabe a Londres autorizar o envio de provisões de emergência e de alguns cidadãos com conhecimento em agricultura.

De volta a Sydney Cove, a colônia mal consegue sobreviver. As bases da história da nação estão fincadas. Não há muitos avanços em termos de contrato social. Durante o século XIX, a corrupção vem em primeiro lugar. Quem tem o poder negocia os favores.

Com a descoberta do ouro, uma corrida pelo mineral começa em Halls Creek, no noroeste do continente; em Kalgoorlie, no extremo oeste; em Bathurst, nas montanhas perto de Sydney; e em Ballarat e Bendigo, a um longo passeio de carruagem do porto de Melbourne. Na Grã-Bretanha, uma grande mentira é forjada sobre as inacreditáveis riquezas que brotariam do solo. Famílias são dilaceradas naquilo que acaba sendo uma migração em massa. A falta de rendimento e os altos impostos cobrados na forma de licenças para minerar levam a uma rebelião em Ballarat depois de uma visita do governador.

Na manhã seguinte à rebelião, conhecida como a Eureka Stockade, 150 mineiros são mortos. O grosso dos rebeldes ainda está dormindo, bêbados da noite anterior. Trata-se de um momento crucial para a colônia, naquele dia orgulhosamente proclamado como um grande momento da história da Austrália, companheiros sendo mortos por companheiros. A verdade é que aqui o futuro da nação era desvendado. A menos que fossem eleitos pelo voto dos operários, os membros do governo iriam constantemente pisar nos próprios interesses. O governador ferrando com o trabalhador de Eureka e esperando muita coisa em retorno.

Os fazendeiros do CFG (Continental Farmer Group) se tornando ativistas, os aborígenes se tornando exploradores, as companhias sem recursos financeiros explorando o gás, danificando os lençóis freáticos, fracassando no empreendimento, largando-o sem tomar medida alguma para remediar a situação.

UM POUCO DE HISTÓRIA II

O lago Pedder e o rio Gordon.

Os protestos começaram em 1967, quando o governo da Tasmânia revogou o estatuto do Parque Nacional do Lago Pedder, que protegia o lago desde 1955.

Ouviu-se o primeiro-ministro dizendo: “Havia um parque nacional lá fora, mas não consigo me lembrar exatamente onde ficava...”

Entre os que participaram dos protestos estava o Grupo Unido da Tasmânia, precursor dos Tasmanian Greens e que hoje são reconhecidos como o primeiro partido verde do mundo.

Preocupações com a construção de uma barragem giraram em torno da perda da característica praia de quartzito rosa do lago original, e há um entendimento cada vez maior de que o

sudoeste da Tasmânia é uma área de natureza única. Isso foi reforçado com o caso de Franklin Dam.

A minhoca do lago Pedder (*Hypolimnus pedderensis*) é conhecida apenas pelo espécime coletado na praia desse lago, na Tasmânia, em 1971. Após a inundação do lago, o invertebrado nunca mais foi visto.

The notion of sustainability must be put into the context of how the present era will be remembered. Sustainable lives for surfers will continue as long as the planet survives. Australia as a nation, however, has a lot to answer for. It has consistently blocked global protocols on how best to urgently reduce carbon emissions.

300 years from now, when the 20th and 21st centuries are analysed from historians down the school kids, the focus will not be on the massacres of Hitler, Stalin, and Pol Pot. The focus will be on the worse evil of failing to prevent climate change. Current Prime Minister of Australia Tony Abbott and his mentor, former Prime Minister John Howard, will be at the head of the list of those who did the worst possible human act, that of killing the planet.

Australia's political, social, and environmental will is atrocious. The majority public mind has shifted to the right wing. Acts of making money at the expense of the moral good are celebrated.

Citizens, be they surfers or non surfers, fit into coastal cities as the age of the farmer and primary production dies. They form the new herd of the land. Herd mentality is dangerous. It always has been.

Historical mass focus has been on illusory affluence, or false wealth. Stripped bare, the Australian herd spends its life in debt, owned by banks and at the mercy of government policy. It is cannot move 'outside the box'. 10 million citizens, beasts of burden, donkeys to conservative thought, towing the line, step by blind step.

The mood is to the right wing of normal conservatism. The focal issue – refugees. Those arriving via leaky boats are sent to gaol.

It is acceptable to the Australian herd to place men, women, and children arriving in The Lucky Country under arrest. It sees no problem in punishing the desperate stranger. These times are throwbacks to the McCarthyism of the U.S. 1950's.

The propaganda of fear has bonded Australians to common cause beyond their economic woes. Just a surfer may get stoned and drift in a numbed state, the new herd is deflected from its own troubles. It has voted into office Tony Abbott, the most dangerous politician in Australian history – dangerous at university in student days of the mid 1970's, most dangerous today leading the herd.

Australia is a shell of its former self. Controlled by foreign interests, it is a massive beast of burden in its own form to the designs of bigger countries and bigger corporations. Australia no longer relies on locally farmed food. It no longer builds its own ships. The car maker is shutting up shop. Primary or secondary industry is 'cactus'.

Its vast mineral wealth and real estate has gone from its own hands. It denies man made climate change, blocking international treaties. It allows the Japanese whale hunt in Australian sovereign waters. Australia might be tough on refugees, but it's been pissweak in standing up to sticks bigger than its own.

Deflections

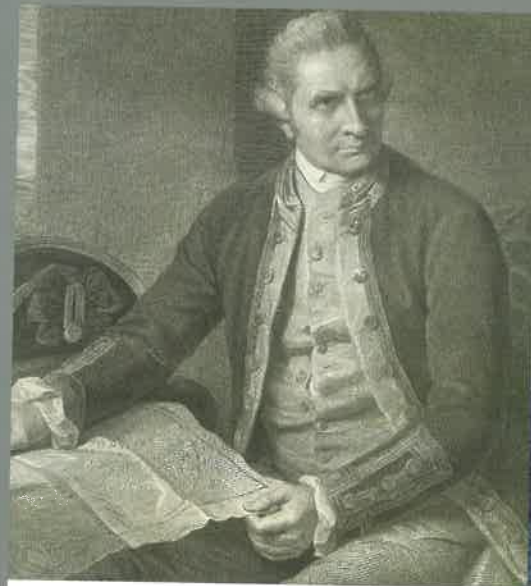
Soft fascism lurks in today's Australian creeping into open view. The capacity to inflict hardship on one's fellow human being is frightening. Come election day, human rights matter little. The good life becomes the illusion. Warm and giving is the average Australian. The average German too was warm and giving in the 1930's.

How has it come to pass?

A few sentences perhaps...

The base impact of white man in Terra Australis, in rough order, is one of murder from day one, ignorance, disease, theft, rape, corruption, cultural degradation, genocide, pollution, misogyny, and last but not least, geological, environmental and sovereign vandalism.

De cima para baixo: manifestação em Kirra; minas de areia em New South Wales; Primeiro-ministro Tony Abbott leva uma vaca política.
Top to below: Protest at Kirra; Sand mining at New South Wales; Prime minister Tony Abbott and his political wipeout.



It was the case in Day One, April 29, 1770 with the arrival of Captain James Cook and the murder of two natives. It is the case on Day 89.200th, March 30, 2014 with what constitutes invasion by coal seam gas mining companies on private property.

The moral conscience is shot. As surfers we watch as marine sanctuaries lose their protection, as whales continue to be slaughtered in Australian waters. Perhaps it is fitting that this Prime Minister, Tony Abbott, calls himself a surfer, for surfing is the last lawless outpost of Western Civilisation.

Here is the base definition of surfing today – in any crowded lineup and on any given day it is the meanest, the strongest, the most coldly cruel surfer who isolates the weak, takes the better waves without charity. It is an environment where a sad humanity roams.

It is sustainable in such a crude form? Yes. It will not change. There is no protest against such behaviour. Women and beginners suffer most, particularly those on short boards. It is the primeval reversion to kill or be killed, a descent into a social mire that lurks in us all. Snapper Rocks sits as the lighthouse of darkness.

Once a break of three waves – Snapper, Greenmount, and Kirra, where distinct groups of locals enjoyed the privileges associated with being the alpha animals of separated herds, the distortion of these Coolangatta beaches into one long wave by dredging as compressed the primary act of wave catching into a 20 metre strip at the point of takeoff. There is no mercy.

The rest of the 500 person pack takes what it can on other sections of the three kilometre wave. It accepts the blunt grunt of social Darwinism, but ill-will compounds all down the line as the classic mindset of schadenfreud takes hold – celebrating the misfortune of others in order to take off.

The dredging of the Tweed River Bar has made this wave. Sand is pumped in constant flow. Travellers and pleasure craft can negotiate the river entrance in relative safety. However, in meddling with Nature the effect is magnified elsewhere. Life imitates Nature. The sand build up has ruined estuaries to the north in the broad half moon bay that ends at Burleigh Heads. What was once a brief walk to the water beyond Kirra now takes 10 minutes. The heat of the sand stops beach goers. Storm water drains leave brown muck on what constitutes a desert. Holiday unit blocks and small businesses at the once prime destination have gone

bankrupt.

Global meteorology inevitably pursues long term cycles. It is entirely conceivable that the Superbank existed 130 years ago through natural occurrence. As published in Rusty Miller's '2014 Byron Bay Guide,' marine survey work was undertaken in 1883 by Captain Howard R.N. where from July to September 7000 depth soundings were made at Cape Byron.

The report indicated a completely different Byron Bay with sand flow so different as to suggest a climate contrary to today with south east gales so normal that sand build up delivered its own Superbank of ankle to waist deep sand at the tip of the most easterly point in Australia (Byron Bay). A perfect ride existed – but two kilometres out to sea from what is known today as The Pass. It ran due south to due north from the tip of the farthest headland, instead of north east to south west as is the case today.

Given this information, it is entirely likely Snapper Rocks featured the same sand flows. Indeed, over the course of centuries it is likely that it was this predominant pattern that formed the sand mountains that became Noosa Heads, Double Island Point, and Fraser Island.

Sustainable coastal management inevitably concerns the flip side of sand pumping – beach erosion. The full face of beach erosion is felt by home owners seeking the ultimate existence facing the edge of the sea. It is a modern wish, the dream of beach life. Until the 1950's many a beach house was built back from dune systems and faced inland.

Beach culture was not the focus of an Australian way still tied to the Protestant Work Ethic. Homes faced the focus of life – the farm, the city, Mother England.

The urban storm water pipes and riverside rock jetties of the early 20th century would have alerted concerned parties to the dangers of erosion had society already squeezed itself into quarter acre blocks lining the shore. However, it would not be the case for 50 years.

Stabilisation of dune systems from the 1960's protected private property, car parks and surf clubs but cut natural sand and current flow. One humble storm drain outlet could magnify problems for the modern beach house – evidenced at Newport Beach on the night of May 26, 1974, with the storm of storms on the Australian east coast. Without natural outlet

for the sweep of the mass ocean surges, the concrete protuberance acted as a damming mechanism. The only way out was inland.

The sand systems of beaches from Newcastle to Wollongong (Sydney in the middle) vanished, exposing total bedrock for the first time since Cook's arrival. How big was the surf? The next morning as waves washed through surf clubs, houses, and up main streets, the horizon line was full of pitching waves – that's 10k's out to sea with the lips of waves taking three seconds to hit the bottom.

Man made interference involves give and take, highlighted by the Snapper Rocks Superbank that created the fortunes of Mick Fanning, Joel Parkinson, and Stephanie Gilmore, yet ruined the lower beachfront.

40 years ago it gave fortune to breakthroughs of modern performance surfing at Lennox Head in the first years of the 1970's yet removed and polluted dune systems. Rutilic sand mining (curse of the age) was conducted one beach south at Boulder Beach, the spent sand flowing around Lennox Head via the prevailing current to form the first superbank. The likes of Nat Young, Wayne Lynch, Keith Paul, Baddie Treloar, Rusty Miller, Russell Hughes, Michael Petersen and George Greenough, boned what can be described as the future of surfing via use of 'down rails' on semi guns in the age before log ropes.

The era was a defining point in Australian history, the nexus of left wing and lateral thought with the election of the Labor government of Gough Whitlam. The motto was "It's Time". Unlike so many politicians whose promises translate into stagnant government, Whitlam stormed the fortress of conservative post war Australia. He delivered progressive platforms to the youth of the day and to environmentalists, diplomats, educators, artists, musicians, journalists, thinkers, pacifists, feminists, aboriginals, women in the workforce, and to surfers in wake of the Vietnam draft that he ended.

To be a surfer in Whitlam's era seemed ideally sustainable, defined by the magic of roaming the coast from point to point, pie shop to pie shop, surfing friend to surfing friend. As Prime Minister he sat as the antidote to many ills of modern Australian history. That said, he allowed Indonesia to invade East Timor with huge loss of life including Australian journalists following the latter's independence from Portugal. It left him with a generic political smear as legacy.

Da esquerda para direita: Tudo começa com Capitão Cook; japoneses caçam baleia em águas australianas; Kirra tem ondas perfeitas e comércio falido.
From left to right: Everything begins with Captain Cook; Japanese hunt whales in Australian waters; Kirra has perfect waves and commerce bankrupt.

Whitlam sustained the force of change for three years until his government was deposed outside of democratic process – the most controversial moment in Australian political history. The hand of Washington, with Vietnam lost and at the height of the Cold War, was all over it.

Come the end of the day, any day, life in Australia is easy. Compared to most nations, it's a cruise. Work's not hard to find. People are unlikely to be murdered in their sleep. As long as there's sport to watch, summer and winter, there's relative calmness here.

The surfer has a life of constant renewal. The surfer can always deflect pressures of life by getting wet, or getting stoned and wet. I've always had a problem with 'stoners'. Drugs are a deflection mechanism – and it is this mechanism that has ruined Australia.

Is life as it is now accepted in Australia, acceptable let alone sustainable? That's a matter of perspective. Australia has lost control of its own destiny. Tony Abbott is no Gough Whitlam, and the screws of conservatism bury the past.

End

Britain's 18th century search for a desolate spot to send its petty criminals focuses on West Africa. The first settlement collapses when the convicts run off into the desert and die of thirst. Captain Cook discovers Botany Bay on the East Coast of New Holland April 29th, 1770.

By quirk of Fate, French explorer La Perouse arrives in the same bay to claim the land for France but is a few hours late. The odds are about 10.000 to one. Cook declares the land for the British Empire and hoists the flag.

After killing a few curious natives Cook's tiny ship sails north to find one of the world's great natural harbours eight nautical miles away.

The search for Britain's convict dumping ground is over. However, Aboriginals track Cook's consequent voyage north. Their group presence on headlands such as the easterly most point of Terra Australis in what would become Cape Byron is a sovereign challenge that would be noted 200 years later in returning many lands to Aboriginals.

Captain Phillip arrives with six ships

in 1788 to establish the colony. The environmental impact commences with the death of? aboriginals from? Phillip's colony collapses. They do not possess the skill to survive from land and sea. A request for assistance is sent to the closest British colony. The email of the day takes six months. A voyage around the bottom of the world to Capetown ends in a blunt 'No'. It's off to London to state their case for emergent provisions and a few citizens with farming knowledge.

Once back in Sydney Cove, the colony barely survives. The tone for the history of the nation is set. It does not achieve great leaps forward in the social contract. Once into the 19th century corruption is rife at the top. Whoever holds the power deals the favours.

Gold is discovered rush hits at Halls Creek in the north west of the continent, Kalgoolie in the far west, Bathurst over the mountain range from Sydney, and in Ballarat and Bendigo a long cart ride from the port of Melbourne.

A great lie is promoted in Great Britain of unimaginable wealth to be found shining on the ground. Families are split in the wake of mass migration.

Poor gold yields and high taxation in the form of mining licences leads to rebellion at Ballarat following a tour by the Governor.

150 'diggers' are shot dead early on the second morning of the 'Eureka Stockade'. The bulk of the rebellion is still asleep, drunk from the night before. It is a defining point of the colony, to this day proudly heralded as a great moment in the history of Australia where mate died for mate. The truth was that here the future of the nation was laid bare. Unless elected on a blue collar working man's ticket, those in government office would consistently trample the worker and use power to develop the land to their own ends. Governor screwing the worker Eureka and expects a lot in return.

CSG farmers turning activists, aboriginals turning exploiters, companies without financial reserves mining for gas, damaging the underground water, failing in the venture, walking away without remedial measures.

Lake Pedder and the Gordon River. Protests began when in 1967 the Tasmanian Government revoked the status of the Lake Pedder National Park that had protected the lake since 1955.

Premier Reece was quoted as saying: "There was a National Park out there, but I can't

remember exactly where it was... The protests included the United Tasmania Group who were the precursor to the Tasmanian Greens and are now recognised as the world's first green party.

Concerns over the construction of the dam revolved around the loss of the distinctive pink quartzite beach of the original lake, and an increased understanding of the unique nature of the wilderness quality to the south west of Tasmania. This developed further with the Franklin Dam issue.

The Lake Pedder earthworm (*Hypolimnus pedderensis*) is only known by the type specimen collected from a beach on Lake Pedder, Tasmania in 1971. After the flooding of the lake, this invertebrate was never seen again. A Glacial Outwash Lake.



Foto: ISA / Tweedle



Arquivo pessoal Roberto Meza

PERU INOVA COM LEI DE PROTEÇÃO

O país que deu origem ao surf na América Latina e que lutou para organizar os primeiros campeonatos mundiais agora luta para erradicar toneladas de lixo das praias. Apresenta sinais de vitória, mas ainda há muito que fazer.

De acordo com um estudo realizado por cientistas de universidades de prestígio na Austrália, Estados Unidos e Cingapura, e publicado em um jornal online chamado Plos One, o Peru encontra-se em 10º lugar no ranking mundial de poluição.

O estudo avalia o impacto ambiental relativo dos países e afirma que os principais problemas causados Peru para entrar nessa lista são a sobrepesca – captura acima das cotas estabelecidas pelos órgãos ambientais para garantir a manutenção dos estoques pesqueiros –, o desmatamento e a mineração.

O próprio governo peruano, por meio do gabinete do controlador-geral, enumera os principais problemas ambientais enfrentados pelo país: destruição acelerada da floresta Amazônica (desmatamento), o efeito da mudança de cultivo e a extração ilegal de madeira, levando à perda da biodiversidade genética, interrompendo e eliminando habitat da flora e fauna, com a consequente destruição da paisagem e da beleza cênica.

Também ocorrem alterações dramáticas dos recursos marinhos, devido às atividades da pesca, bem como o despejo de poluentes nessa atividade. O aumento de erosão, salinização e desertificação, e o aumento gradual da utilização da capacidade de sobrecarga (pastagem, queimadas, irrigação inadequada, exploração excessiva dos recursos hídricos, desmatamento, desenvolvimento urbano e industrial), também implicam problemas ambientais.

Por fim, a poluição dos cursos de água do interior de minas, bem como o despejo de esgotos, a exploração de petróleo, os danos industriais, somados à poluição urbana e atmosférica, especialmente nas grandes cidades, são pontos relevantes.

Um exemplo claro foi a construção de um resort na área conhecida como Costa Verde, na capital, Lima.

Basta caminhar pelas as praias de Lima. O nome da região é Verde, mas a cor predominante é o marrom da terra, terra que alcança o mar em forma de precipício. Como dizem os antigos surfistas, isso aconteceu porque o sistema de irrigação natural se perdeu com o desenvolvimento imobiliário.

Há alguns anos, não muito mais que vinte, os funcionários municipais já desaconselhavam o banho nas praias da Costa Verde. A drenagem do rio leva a contaminação por coliformes às mesmas ondas onde o surf nasceu na América Latina.

Os surfistas entram na água e, ocasionalmente, acabam no hospital.

Hoje, embora a situação tenha melhorado em La Pampilla, em Punta Roquitas e na rainha tubular de La Herradura, ainda persistem problemas sérios.

O site Peru.com informou, em 31 de dezembro de 2013, que Carpayo, uma das praias do porto de Callao, perto do aeroporto de Lima, e também próxima das praias da capital, é hoje o trecho mais poluído do Peru, com uma média de 25 quilos de resíduos por metro quadrado, segundo a ONG Vida.

Uma realidade igualmente alarmante ocorre em San Miguel, La Isla e Fervimar, situadas em Supe; na praia Márquez, em Callao; e na praia de Zorritos, em Tumbes, no norte do país.

De acordo com três protagonistas do surf peruano, Javier Swayne, ex-campeão latino-americano; Ricardo Pinedo, editor do principal site peruano (Olas Perú) e Nino Lauro, veterano treinador da Surfing Federation, hoje o que mais irrita os surfistas é a quantidade de plástico, petróleo e esgoto no oceano.

Para Swayne, nem mesmo as praias mais remotas da costa peruana são poupadas, porque a sujeira é levada para toda parte. Ao norte, em Tumbes, há poluição. Em Lima também. Igualmente ao sul, perto de Ilo, onde se verifica a falência de uma das maiores ondas do continente, “El Olón de Ilo”. A poluição é abundante, pois a região possui fábricas de processamento de cobre, e os resíduos acabam no oceano.

Sendo um dos países com o



SÃO MAIS DE 2 MIL QUILOMETROS DE ONDAS GRANDES, LONGAS, PERFEITAMENTE TUBULARES E CONTAMINADAS.

PERU INNOVATES THROUGH A PROTECTION ACT. There are more than 2,000 km of huge, long, perfectly tubular, yet contaminated, waves.

maior número de surfistas do mundo, o Peru é organizado e procura cuidar de suas praias da melhor maneira possível. Além do trabalho de milhares de ONGs, capazes de iniciativas incríveis, o governo promove leis que beneficiam os surfistas como em nenhum outro lugar do mundo.

O presidente Ollanta Humala assinou no final do ano passado uma lei que reconhece a onda como um bem que não pode ser afetado de forma alguma.

Dessa maneira, nada pode impedir a onda de quebrar, algo tão valioso que não se pode evitar. Nesse sentido, o Peru é um país pioneiro.

A promulgação dessa lei, que levou 13 anos para ser aprovada, atende a uma demanda de todos os que praticam esportes aquáticos, pois impede a construção de docas, cais, molhes e quaisquer outras intervenções que venham a afetar a qualidade das ondas.

Na ocasião da assinatura da lei, contou-se com a presença de campeões mundiais como Sofia Mulanovich e Piccolo Clemente.

The country that gave rise to surf in Latin America and struggled to organize the first world championships, now is striving for the eradication of tons of garbage from the seaside. Even if there are some signs of victory, a lot still needs to be done. According to a study made by scientists of prestigious universities in Australia, United States and Singapore and published in an online release called Plos One, Peru ranked 10th on the world pollution scale. The study evaluates the environmental impact by country and sets forth that the major issues justifying Peru to enter the list are overfishing – fishing above the levels defined by environmental organizations to guarantee the maintenance of fish stocks –, deforestation and mining. The Peruvian government itself, through the general

controller cabinet, lists the main environment issues the country currently faces: fast-moving destruction of the Amazon forest (deforestation), switch of farming practices and illegal wood extraction, causing a loss of genetic biodiversity, interrupting and erasing flora and fauna habitats, with the ensuing destruction of the landscape and scenic beauty. Some dramatic changes in the marine resources also occurred, due to fishing activities and the consequent dumping of pollutants. The increase of erosion, salinization and desertification, and the gradual increase of the use of the overload capacity (grazing, scorched earth, inappropriate irrigation, overexploitation of hydric resources, deforestation, urban and industrial development), also imply environmental issues. Finally, the pollution of mines underground streams and the dumping of sewer, the oil exploitation, the industrial damages, added to the urban and atmospheric pollution, mainly in big cities, are relevant issues. Besides, as per the activities of several NGOs founded by Peruvian surfers, such as the Foundation Global and the Surftrider Foundation of Peru, we can notice that the Peruvian surfers' main issues related to pollution deal with the dirt on the beaches and in the sea. One clear example of the way all this ended up destroying a whole beach was the building of a resort in the area known as Costa Verde, in Lima, the capital of Peru. You just have to go for a walk on the beaches of Lima. The region's name is Verde (green), but the predominant color is brown, the brown of the earth reaching the sea as a chasm. As the old surfers use to say, it happened because the natural irrigation system was destroyed by the real estate development. Some years ago, no more than twenty, municipal employees advised against swimming in Costa Verde beaches. The river draining system carries the coliform contamination to the very waves where the surf first appeared in Latin America. The surfers who enter the sea occasionally end in hospitals. Nowadays, even if the situation improved in La Pampilla, Punta Roquitas and La Herradura with its great tubular waves, serious issues still

remain. On December 31st, 2013, Peru.com informed that Carpayo, one of Callao harbor beaches, near Lima airport and not far from the beaches of Lima, now is the most polluted shoreline of Peru, with an average amount of 25kg of waste per square meter, according to the ONG Vida. Other alarming situations occur in San Miguel, La Isla and Fervimar, located in Supe; on Márquez beach, in Callao; and on Zorritos beach, in Tumbes, in the northern part of the country. According to three Peruvian surfers, Javier Swayne, former Latin-American champion; Ricardo Pinedo, main Peruvian site (Olas Perú) editor, and Nino Lauro, Surfing Federation longtime trainer, what irritates the surfers the most is the amount of plastics, oil, and waste in the ocean. For Swayne, not even the remotest beaches of the Peruvian shoreline were spared, as the dirt is everywhere. On the northern side, in Tumbes, there is pollution. In Lima too. The same thing happens in the south, near Ilo, where the decline of one of the hugest continental waves, “El Olón de Ilo” can be testified. Pollution abounds as the region hosts several copper processing industries which residues go to the sea. As one of the countries with the highest number of surfers in the world, Peru is organized and tries to take care of its beaches as best as possible. Besides the work of thousands of ONG, capable of incredible initiatives, the government promotes laws that are to benefit to the surfers as no other place in the world. At the end of last year, President Ollanta Humala signed an act acknowledging the wave as an asset that in no case can be affected. As a consequence, nothing can stop the wave from breaking, and it something so valuable that it cannot be avoided. In that sense, Peru is a pioneer country. The publication of the law, which took 13 years to be approved, responds to a demand of all those who practice aquatic sports, by avoiding the building of docks, wharfs, dams and any other kind of interventions that could affect the quality of the waves. Several world champions attended the signature of the act, among whom Sofia Mulanovich and Piccolo Clemente.

Por Pablo Zanoocchi
diretor de redação do site Olas Perú

PARADOXO LUSITANO

Como um país que clama a importância vital do surf para alavancar parte da sua economia, continua a falhar na preservação dos tesouros naturais que sustentam essa hipótese

PORTUGUESE PARADOX

How a country which proclaims the vital importance of surf to leverage part of its economy, still fails in the preservation of natural treasures that support such hypothesis.

Não era preciso ser um ávido consumidor de jornais ou noticiários de TV para tropeçar nas notícias que chegavam da Europa e, em particular, de Portugal sobre esse último inverno no hemisfério Norte.

A temporada de ondas gigantes de 2013/14 começou cedo, com a demencial sessão de Carlos Burle, Maya Gabeira e companhia nas ondas da Nazaré. Com todo o dramatismo que envolveu aquele dia 28 de outubro do ano passado, estávamos longe ainda de adivinhar o que iria acontecer nos meses seguintes.

Depois de um dezembro estranhamente ameno, com semanas seguidas de suaves ventos terrais vindos do quadrante leste, a serem desperdiçados num mar que em raras ocasiões superou os 3 pés de ondulação — um quadro atípico para o começo do inverno europeu —, a passagem do ano já estabelecia a alteração do padrão meteorológico que se anunciava desde a época natalícia.

Janeiro chegou carregado nos braços de Hércules, uma das maiores tempestades já registradas no Atlântico Norte, que produziu ondas gigantes e causou devastação em toda a costa portuguesa, bem como em outras localidades costeiras da Europa.

Hércules seria a primeira de várias tempestades que assolaram a Europa no último inverno e que, no caso de Portugal, mais do que estabelecer recordes de ondas grandes ou proporcionar sessões de surf inesquecíveis, expôs um dos grandes problemas que afeta a costa do mais ocidental do país europeu: a erosão do litoral, muitas vezes potencializada por má gestão humana dos seus recursos.

Há uns anos, num documentário generalista sobre a ação do mar no litoral, o único representante da comunidade do surf a integrar o leque de entrevistados era o jornalista americano Sam George, que, sendo surfista, surpreendeu com a seguinte afirmação: “Não há nenhuma região da

geografia terrestre mais sujeita a alterações do que a linha costeira. No entanto, continuamos construindo junto ao litoral e o sonho de morar de frente para o mar representa o ideal de vida para grande parte da população mundial. Eu diria que, em face da história geológica do planeta, morar em frente ao mar, com todo o seu inegável apelo, é um dos maiores casos de ilusão de massas que o homem alimenta”.

Diante das imagens de destruição causadas pelo avanço das ondas em 2014, somos forçados a dar razão ao ex-editor da Surfer. Mas não era necessário um inverno como este para chegarmos a tal conclusão.

O problema da erosão da costa é um dos temas da atualidade ambiental portuguesa. Para um país tão pequeno e com uma posição geográfica estratégica, os seus cerca de 950 km de costa apenas no continente formam mais do que um aspecto geográfico: fazem parte da própria identidade da nação.

A crise econômica profunda que se vem agravando há mais de cinco anos, outra vez, como em tantas ocasiões ao longo da sua história (alguém se lembra da

época dos Descobrimentos?) obriga que Portugal paradoxalmente olhe para o mar como boia de salvação, seja através da pesca, dos transportes, da exploração dos recursos naturais ou do turismo.

O surf, como é óbvio, mas nem sempre linear, tem assumido um papel importante nesse regresso do povo lusitano a uma vocação marítima que, apesar de presente na sua história, andou adormecida enquanto o país se entretinha com outros afazeres.

Por enquanto, é o potencial turístico de um litoral que apresenta uma improvável diversificação de qualidade e tipo de ondas, unido ao mais ameno clima da Europa.

Mas há quem veja além, divisando aí uma oportunidade para valorizar a necessidade de preservar as áreas de surf de qualidade do país, um assunto que nunca esteve nas agendas governamentais antes da chegada da crise.

There was no need to be an avid consumer of newspapers and TV to stumble on news coming from Europe, especially from Portugal, regarding the Northern Hemisphere last Winter.

The 2013/14 season of giant waves started very soon, with the insane session of Carlos Burle, Maya Gabeira, among others, in the waves of Nazaré. With all the drama October 28th of last year involved, we could not guess what would happen during the following months.

After a month of December strangely quiet, with consecutive weeks of soft ground winds coming from the East quadrant, scattered in the sea with waves barely higher than 3 feet – something unusual at the beginning of the European Winter –, the new year already showed a change of meteorological pattern that could have been foreseen since Christmas.

January came carried in Hercules arms, one of the major tempests ever registered in North Atlantic, producing giant waves and causing devastation on the

Carcavelos, berço do surf lusitano.
Carcavelos, birthplace of the Portuguese surf.

whole Portuguese shoreline, and also in other European coastal cities. Hercules would be the first of several tempests to ravage Europe during the last Winter and that, for Portugal, more than setting wave records or promoting unforgettable surf sessions, revealed one of the big problems affecting the coastline of the most occidental country of Europe: the erosion of the shoreline, as usual potentiated by the human bad management of its resources.

Some years ago, in a generalist documentary on the action the sea has on the shoreline, the only representative of the surf community in the panel of interviewees was the American journalist Sam George, who, as a surfer, gave an amazing statement: “There is no other region on Earth more subject to changes than the coastline. Meanwhile, we still construct on the shoreline, and the dream of living in front of the sea represents the idealistic life for a large part of the world population. I would say that, regarding the geological history of the planet, and even with its matchless appeal, the life in front of the sea is one of the major collective illusions men live for”.

Facing such images of destruction caused by the advancing waves in 2014, we are forced to give reason to Surfer former editor. But we did not need a Winter like this one to reach such conclusion.

The issue of the coastal erosion is one of the topics treated by the Portuguese environmental current affairs. For this small country with strategic geographical localization, the 950km coastal line is more than a geographical characteristic: it is part of the nation's identity.

Once more, just as so many circumstances throughout its history (does someone remember the age of the Great Discoveries?), the deep economic crisis which worsened in the last five years, paradoxically forced Portugal to look at the sea as a life-belt, whether through fishing, transportation, natural resources exploration or tourism.

Obviously, if not directly, surf has had an important role in the return of the Lusitanian people to the maritime vocation which, besides of always being present in its history, fell asleep while the country entertained itself with other activities.

In the meantime, the touristic potential of the coastline shows an unbelievable diversification of quality and waves, together with the European mildest climate.

But, there are some who can see beyond this, sharing the opportunity to enhance the need to preserve the country's valuable surf areas, an issue which, before the crisis, never was on the government agenda.

FIGUEIRA DA FOZ E A CIDADE SURF

E se começamos este texto falando da questão da erosão costeira é porque vem do surf uma das mais originais ideias para conter ou minimizar os riscos desse processo que, sendo natural, é muitas vezes potenciado pela mão humana, que não se preocupa em repetir os erros do passado enquanto estes representarem uma fonte de rendimento para alguém num qualquer posto de influência.

O projeto Cidade Surf, cujos principais porta-vozes são os surfistas Eurico Gonçalves e Miguel Figueira, tem travado uma batalha incansável, iniciada com o objetivo de proteger as ondas do Cabedelo, a praia mais consistente da Figueira da Foz, que chegou a ser palco de etapas do WCT no final dos anos 1990, e que foi danificada pelo prolongamento de um molhe de proteção do porto local.

O projeto destaca-se pela pioneira proposta de conter o avanço do mar na costa ao sul do porto, não através da tradicional e ineficaz solução dos molhes de pedra, mas pela criação de um bypass que transfira a areia excessiva, também causada pela má gestão dos fluxos marítimos, localizada a norte do porto, para o lado sul, onde casas foram destruídas no rescaldo das tempestades que assolaram o inverno europeu.

Entretanto, o movimento, inicialmente batizado de SOS Cabedelo, vai hoje muito além, intervindo mesmo na questão da cultura de praia, na legislação costeira e na gestão

dos espaços de ocupação das zonas de surf.

Eurico e Miguel têm viajado pelo mundo fazendo conferências sobre a sua visão, sempre com enorme sucesso pela inteligência dos seus argumentos e pelo carisma dos seus discursos. Infelizmente, porém, os resultados concretos do seu incansável trabalho ainda não surtiram qualquer efeito prático, por falta de investimento e de coragem política.

Quem quiser saber mais sobre o assunto pode consultar a página do movimento em soscabedelo.blogspot.pt.

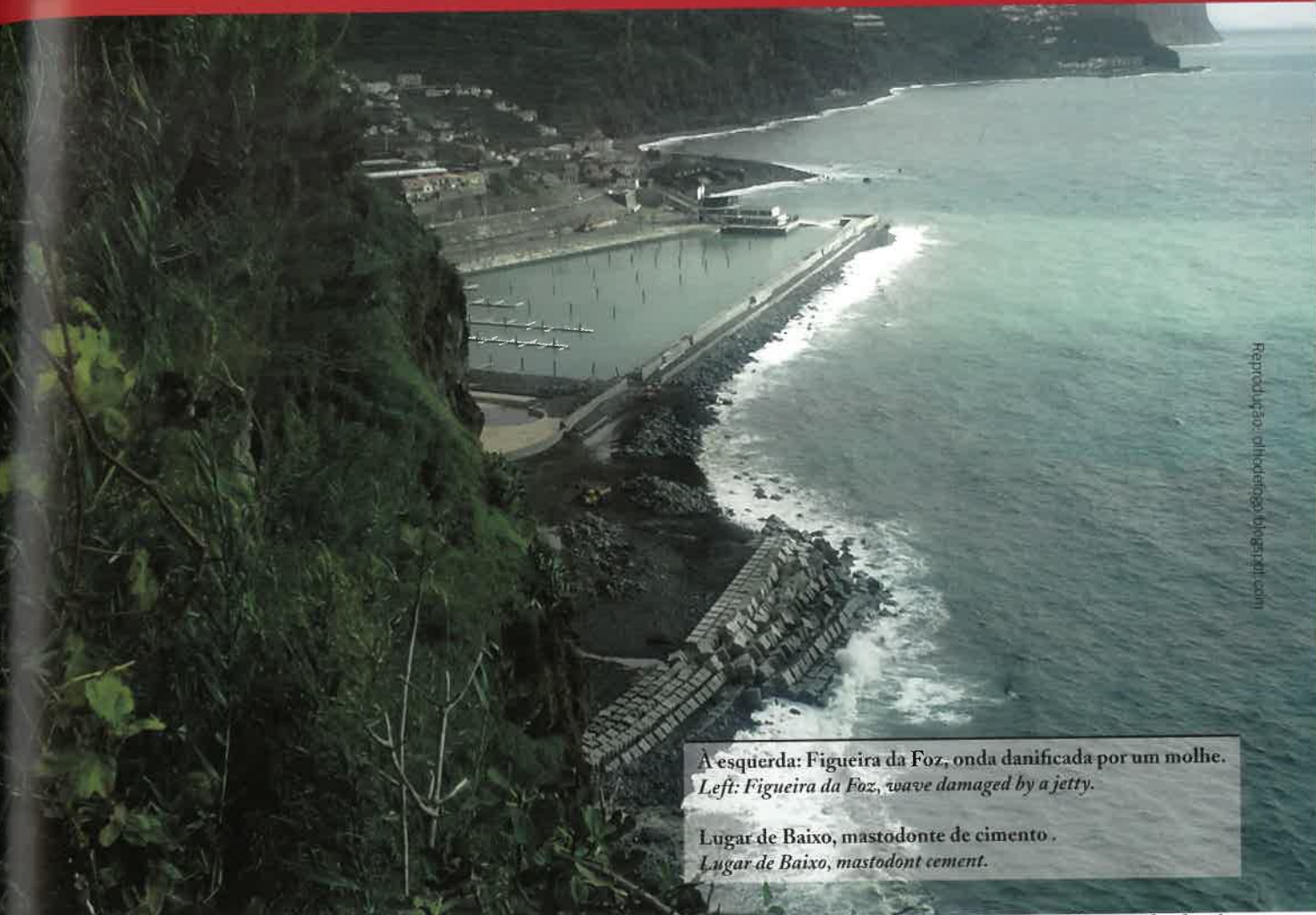
Figueira da Foz and Cidade Surf

And if we started this article with the coastal erosion issue, it is because the surf came up with one of the most original ideas to contain or minimize the risks of this natural process, often potentiated by the human hand which does not care about repeating the past errors if they still can be a source of wealth for influential people.

The Cidade Surf project, whose main spokesmen are the surfers Eurico Gonçalves and Miguel Ferreira, is struggling a tireless battle which started with the purpose of protecting Cabedelo waves, the most consistent beach of Figueira da Foz, which held WCT stages by the end of the 1990s and was damaged by the expansion of a protection pier on the local harbor.

The project stands out by the pioneering proposal of encompassing the advance of the sea on the southern coast of the harbor, not through the traditional but useless solution of stone piers, but by the making of a bypass which will transfer the excess of sand, resulting from the maritime fluxes bad management, located on north of the harbor by the south side, where houses were wiped out in the aftermath of the tempest that ravaged the European Winter.

Meanwhile, the movement, originally called SOS Cabedelo, has already gone far beyond, dealing with beach culture, coastal legislation and management of surf zones.



A esquerda: Figueira da Foz, onda danificada por um molhe.
Left: Figueira da Foz, wave damaged by a jetty.

Lugar de Baixo, mastodonte de cimento.
Lugar de Baixo, mastodont cement.

Eurico and Miguel also travelled around the world to do lectures on their vision, with huge success due to the cleverness of their arguments and the charisma of their speeches. However, the tangible results of their relentless work until now did not have any practical effect, due to the lack of investment and political courage.

Anybody willing to get more information on the subject should access the movement page on soscabedelo.blogspot.pt

NOVOS VENTOS NA MADEIRA

O caso mais midiático envolvendo a destruição de ondas portuguesas, porém, ocorreu na ilha da Madeira, onde a voragem da especulação imobiliária no início dos anos 2000 destruiu por completo algumas ondas e danificou outras tantas, todas de qualidade internacional.

Se o famoso point break de ondas grandes do Jardim do Mar ainda funciona com a qualidade de sempre na maré vazia, o tempo de surf ali foi muito reduzido devido aos perigos da maré cheia — as ondas quebram demasiado próximas de enormes blocos de cimento — e por causa do backwash nessas mesmas condições.

Tudo por causa de um desproporcionado calçadão marítimo que descaracterizou a pitoresca aldeia que dá nome à onda e pouco beneficiou a população local. O mesmo acontece

com o Lugar de Baixo, provavelmente a melhor onda de alta performance da ilha, cortesia de uma marina construída na linha de arrebentação e que deveria constituir um monumento à estupidez de quem concebeu o projeto e aprovou a obra, já que, apesar dos inúmeros alertas dos ambientalistas ligados ao surf, os responsáveis políticos da região resolveram avançar com a construção, resultando num mastodonte de cimento que nunca chegou a ser utilizado, pois a cada swell mais forte as ondas invadem a zona das embarcações e destrói parte da muralha de proteção da marina.

Pior foi a destruição de Ponta Delgada, a mais longa esquerda da ilha, por causa de um molhe erguido para proteger uma piscina oceânica.

A destruição de Ponta Delgada e a ameaça que pairava sobre o Lugar de Baixo e o Jardim do Mar motivaram a formação da associação ambiental Save the Waves Coalition (savethewaves.org), numa iniciativa do surfista americano e habitual visitante da Madeira Will Henry.

A Save the Waves chegou a produzir em 2006 um excelente documentário, chamado Lost Jewel of the Atlantic, que denunciava os crimes ambientais cometidos por um governo surdo a qualquer voz opositora depois de mais de trinta anos no poder.

Também motivados pelo esgotamento dos apoios financeiros vindos da União Europeia e de Lisboa, os governantes madeirenses procuram agora recuperar o tempo perdido com o surf — a polémica causada pelas questões acima estancaram o fluxo de surfistas visitantes na ilha — apoiando iniciativas de



Fotos: Matetu Diveira



Foto: Miguel Dujic

Da esquerda para direita:
Cabelado, triste cenário da praia mais consistente da Figueira da Foz.
Erosão no litoral; má gestão dos recursos.
From left to right:
Cabelado, sad scenario of the most consistent wave of Figueira da Foz.
Costal erosion; mismanagement of resources.

promoção de turismo associado às suas ondas, ao mesmo tempo que assume uma intenção de reverter algumas das obras mais polémicas, procurando reconstituir a qualidade original das ondas afetadas, caso isso seja possível, quer do ponto de vista da engenharia, quer de uma economia moribunda que já não pode contar com os apoios exteriores que estiveram na base do seu sustento durante as últimas décadas de história.

A mudança de política, encarada com justificada desconfiança pela comunidade, deve ser saudada e policiada de perto.

New winds blowing on Madeira Island

The most mediatized case involving the destruction of Portuguese waves occurred in Madeira Island, where a whirl of real estate speculation at the beginning of 2000 completely destroyed or damaged waves of international quality.

If the famous point break of big waves in Jardim do Mar still works with the same quality at low tide, the daily hours of surf were reduced as surfing at high tide turned to be dangerous – the waves break very close to cement blocks – and because of the backwash, in the same conditions.

The reason of all this is a disproportional maritime sidewalk which deprived the typical village that named the waves from its characteristics and brought few benefits to the local population. The same thing happened on Lugar de Baixo, probably the best high performance wave of the island, due to a marina built on the break point line and where a monument to stupidity dedicated to those who designed and approved the project should be raised; as a matter of fact, despite several alerts from environmentalists related to surf, the region political leaders decided to go on with the work, which resulted into a cement mastodon that was never used, as any stronger swell invades the boat mooring area, destroying part of the marina protection wall.

Even worse was the destruction of Ponta Delgada, the longest left-handed wave of the island, due to a pier built to protect an oceanic pool.

The destruction of Ponta Delgada and the threat hovering over Lugar de Baixo and Jardim do Mar justified the creation of an environmental association, Save the Waves (savethewaves.org), an initiative of the American surfer, and usual visitor of Madeira, Will Henry.

In 2006, Save the Waves produced a great documentary called *Lost Jewel of the Atlantic*, aiming to denounce the environmental crimes of a

government deaf to any opposing voice after 30 years of leadership.

Due to the depletion of the financial help coming from European Union and Lisbon, the authorities of Madeira now aim to recover the time they lost regarding surf – the controversy caused by the issues mentioned above restrained the number of surfers visiting the island – by supporting tourism campaigns linked to the waves; they also take on the intention of restoring some of the most controversial works, with a view to the return to the original quality of the waves, if this were engineeringly possible, and to the restoration of a bleak economy that cannot count anymore on the external helps which sustained it during the last decades.

The political changes, viewed suspiciously by the community, should be welcomed but closely surveyed.

AÇORES. PRESOS PELO RABO

Situação similar vive-se no outro arquipélago português, os Açores, um dos últimos bastiões de surf selvagem do Atlântico Norte.

Constituído por nove ilhas, divididas em três grupos, e localizado bem no meio do mar, em cima da dorsal Mesoatlântica, a cordilheira montanhosa que percorre de norte a sul o fundo do oceano Atlântico, os Açores são um verdadeiro paraíso na terra, onde vulcões extintos abrigam lagoas de beleza deslumbrante, fontes termais formam cachoeiras mais quentes que qualquer chuveiro já experimentado, e uma vegetação profusa confere um tom de verde profundo e exuberante que contrasta com o azul do mar que as rodeia.

Também os Açores vivem o seu paradoxo, entre a necessidade de diversificação das receitas turísticas através do surf — ali realiza-se há quatro anos um WQS Prime, e têm havido várias iniciativas para fomentar os esportes de ondas na região — e o poder financeiro da especulação imobiliária, que está na base da destruição de Rabo de Peixe, a melhor onda da ilha de São Miguel, devido ao prolongamento da muralha de proteção do porto de pesca local, o que fez desaparecer uma esquerda tubular e de fácil acesso na costa norte da ilha.

Os esforços por parte de ambientalistas e agentes ligados ao surf não foram, porém, suficientes para persuadir os governantes e responsáveis pela obra a desistir ou, em alternativa, a alterarem os planos, de modo a executar a obra minimizando os riscos para a qualidade da onda.

A batalha inglória travada principalmente pela associação ambiental SOS – Salvem o Surf (salvemossurf.org) não resultou, e hoje Rabo de Peixe não é senão uma memória na cabeça daqueles que a conheceram e surfaram.

Azores – a compromising situation

Something similar happens in other Portuguese archipelago, the Azores, one of the last bastions of wild surf in North Atlantic.

Formed by nine islands, divided in three groups, and located in the very middle of the sea, above the Mid-Atlantic Ridge, the mountainous range running from north to south at the bottom of the Atlantic Ocean, the Azores are a real paradise on Earth, where extinct volcanos house lakes of astonish beauty, thermal sources form waterfalls hotter than any shower, and the deep green of the luxuriant vegetation contrasts with the blue of the surrounding sea.

The Azores also live a paradox between the need of diversifying the tourism revenue through the surf – for four years WQS Prime is organized here, beside several initiatives to implant wave sports in the region –, and the financial power of real estate speculation, which caused the destruction of Rabo de Peixe, the best wave of São Miguel Island, due to the stretching of the protection wall on the local fishing harbor, and made disappear a left-handed tubular wave of easy access from the northern coast of the island.

However, the efforts from part of the environmentalists and agents related to surf were not enough to persuade the authorities and persons responsible for the construction to withdraw or, alternatively, change the plans so that the execution of the works might minimize the risks to the quality of the wave.

The inglorious battle mainly fought by the environmental association SOS – Salvem o Surf (salvemossurf.org) [Save the Surf] did not bring any result and nowadays Rabo do Peixe is no more than a memory for those who knew it and surfed there.

ERICEIRA. RESERVA SOB RESERVA

Em 2011, Portugal foi notícia pela consagração da Ericeira como a segunda Reserva Mundial de Surf (RMS), depois de Malibu, na Califórnia. Uma iniciativa da Save the Waves Coalition, o programa das World Surfing Reserves (worldsurfingreserves.org) baseia-se em conceitos como qualidade das ondas na região, cultura e historial de surf, características ambientais e apoio da comunidade local,

para atribuir o reconhecimento numa ótica semelhante ao de Património Mundial da UNESCO.

Obviamente, nem o surf tem o peso sociocultural de alguns dos tesouros que integram o programa World Heritage, nem a WSR tem o peso político e económico da UNESCO. E exemplo disso é o que acontece na Ericeira.

Embora unanimemente reconhecida como a região de Portugal que acumula o maior número de ondas de qualidade superior num curto espaço geográfico, a Ericeira está longe de constituir exemplo no que toca à preservação proativa, que é o que seria de esperar de uma comunidade que entrega uma candidatura para constituir uma RMS.

Pelo contrário. A própria gênese da candidatura não foi tanto a vontade de preservar o espaço natural das ondas da Ericeira como a inveja decorrente da perda de protagonismo para Peniche, quando esta passou a receber a etapa do World Tour da ASP.

A necessidade de fazer alguma coisa para recuperar parte das atenções mobilizou os políticos da região, e a consagração foi conseguida. Desde então, nada foi feito para identificar e resolver os problemas ambientais e de gestão de espaço que afetam a região da reserva.

O título de RMS tem sido usado simplesmente como arma promocional, de forma a atrair mais receitas turísticas e mais investimento imobiliário numa região que nos últimos vinte anos foi vítima de uma das maiores descaracterizações urbanísticas já vistas no país.

Ericeira – A reserve with reservations

Em 2011, Portugal foi notícia pela consagração da Ericeira como a segunda Reserva Mundial de Surf (RMS), depois de Malibu, na Califórnia. Uma iniciativa da Save the Waves Coalition, o programa das World Surfing Reserves (worldsurfingreserves.org) baseia-se em conceitos como qualidade das ondas na região, cultura e historial de surf, características ambientais e apoio da comunidade local, para atribuir o reconhecimento numa ótica semelhante ao de Património Mundial da UNESCO.

Obviamente, nem o surf tem o peso sócio-cultural de alguns dos tesouros que integram o programa World Heritage, nem a WSR tem o peso político e económico da UNESCO. E exemplo disso é o que acontece na Ericeira.

Embora unanimemente reconhecida como a região de Portugal que acumula o maior número de ondas de qualidade superior num curto espaço geográfico, a Ericeira está longe de constituir exemplo no que toca à preservação pró-ativa, que é o que seria de



esperar de uma comunidade que entrega uma candidatura para constituir uma RMS. Pelo contrário. A própria gênese da candidatura não foi tanto a vontade de preservar o espaço natural das ondas da Ericeira, como a inveja decorrente da perda de protagonismo para Peniche, quando esta passou a receber a etapa do World Tour da ASP.

A necessidade de fazer alguma coisa para recuperar parte das atenções mobilizou os políticos da região e a consagração foi conseguida. Desde então, nada foi feito para identificar e resolver os problemas ambientais e de gestão de espaço que afetam a região da Reserva.

O título de RMS tem sido usado simplesmente como arma promocional, de forma a atrair mais receitas turísticas e mais investimento imobiliário numa região que nos últimos vinte anos foi vítima de uma das maiores descaracterizações urbanísticas já vistas no país.

CARCAVELOS. AS GARRAS QUE AGITAM O BERÇO

Esta novela de incoerências entre ações que enaltecem as qualidades surf em convivência com políticas que ameaçam arruinar precisamente aquilo que torna o surf possível — leia-se ondas — pode agora ter um novo capítulo, numa das praias mais emblemáticas de Portugal.

Carcavelos, berço do surf lusitano, praia local de um enorme número de campeões, uma das principais áreas de surf da Grande Lisboa e anfitriã de um WQS Prime, possui o maior areal da Linha do Estoril, sobre o qual quebram picos triangulares e tubulares tão perfeitos e tubulares como pesados e tecnicamente exigentes.

Pois essa realidade pode estar condenada devido ao projeto de uma megaurbanização no terreno localizado nas costas da praia, que a ser realizado pode ter uma influência direta

nas ondas, bloqueando a ação do vento norte, responsável pelo depósito de areia no leito da praia e pela forma das ondas.

O caso se torna ainda mais complicado pelo alto valor de indenização aos proprietários do terreno, caso o governo revogue a licença de construção. Os grupos ambientais e as associações de moradores de Carcavelos já se manifestaram contra a obra, com o SOS – Salvem o Surf, a pedir mais estudos, de forma a garantir que nem a qualidade da praia nem a qualidade das ondas saiam afetadas.

Carcavelos. As garras que agitam o berço

This soap opera of inconsistencies between actions which praise the qualities of surf together with policies that may ruin exactly what turns surf possible – i.e., waves – now may take place in one of the most emblematic beaches of Portugal.

Carcavelos, the cradle of the Lusitanian surf, a local beach with huge number of champions, one of the main surf areas of the Greater Lisbon and host of one WQS Prime, has the biggest sand shore of the Estoril Line, on which break triangular and tubular peaks as perfect as heavy and technically challenging.

But such reality can be condemned due to a megaurbanization project of a site located on the seaside, and which construction can directly influence the waves, by obstructing the action of the northern wind, responsible for the sand sediment on the beach bed and the shape of waves.

The case turns to be even more complex due to the huge amount of compensations to the landlords, if the government decides to revoke the construction license. Environmental groups and Carcavelos inhabitants associations already protested against the project, together with SOS – Salvem o Surf [Save the Surf]–, asking for other studies to assure that neither the quality of the beach nor the quality of the waves will be affected.



Foto: Pedro Jorge

Outra página: Visão geral de Carcavelos. Nesta página: Rabo de Peixe é a melhor onda da Ilha de São Miguel. Other page: Overview Carcavelos. This page: Rabo de Peixe is the best wave from Ilha de São Miguel.

A LUTA ESTÁ NO PRIMEIRO ROUND

Excetuando-se a Madeira e Figueira da Foz, todos os outros casos aqui relatados revelam como Portugal, apesar dos discursos oficiais, ainda está verde na capacidade de atingir resultados positivos na luta pela preservação das ondas, sucumbindo com surpreendente facilidade aos interesses econômicos assim que estes levantam a voz.

Não só Portugal, mas no resto do mundo. As forças conservadoras da própria comunidade surfista aproveitam os passos em falso de batalhas como a de Rabo de Peixe ou Madeira para apontar o dedo para os que defendem que a popularização de spots, por oposição à política de exclusividade e contenção do crowd defendida por localistas, em nada fortalece a argumentação dos preservacionistas, embora sem apresentarem nenhuma solução para combater os interesses que ameaçam áreas de surf um pouco por todo o mundo.

O enfraquecimento da indústria endêmica também não tem ajudado nesse período crítico, e mesmo as anteriores operações de “cosmética verde” com que algumas marcas procuravam lavar a consciência perderam força em face das questões mais urgentes, como a própria sobrevivência daquelas.

No entanto, o tempo não é de esmorecer nem de fraquejar perante as forças opositoras que sempre existiram e sempre existirão.

Sendo uma atividade cada vez mais disseminada pelo planeta e com uma influência clara sobre o comportamento de uma crescente fatia da população, o surf pode muito bem assumir a vanguarda de um ativismo pelo reconhecimento do valor econômico, sim, mas também social e, por que não,

espiritual de determinados espaços da natureza.

Nesta longa guerra pela preservação de nossas zonas de lazer sempre haverá batalhas ganhas e batalhas perdidas. Nem as primeiras são razão para relaxar, nem as segundas são motivo para desistir.

First round struggle

With exception to Madeira and Figueira da Foz, all the other cases related here show how Portugal, despite the official speeches, is still unexperienced in the capacity of reaching positive results in the struggle for the preservation of the waves, submitting itself with amazing easiness to the economic interests when those raise their voice.

Not only Portugal, just as the rest of the world. The conservative forces of the surfing own community take advantage of false steps in battles such as Rabo de Peixe or Madeira to point the finger to those who defend that the popularization of spots, opposite to the politics of exclusivity and crowd contention supported by localists, does not strengthen the arguments of preservationists, even if they do not offer any solution to fight interests that threaten surfing areas all over the world.

The weakening of the endemic industry is unhelpful in such critical period and even the former operations of “green cosmetic” with which some trends tried to clean their own conscience, lost strength before more urgent issues, such as their own survival.

Meanwhile, we should not wane or waver before opposition forces that have ever existed and will always exist.

As an activity each time more scattered in the world and with clear influence on the behavior of increasing part of the population, surf can perfectly assume the vanguard of an activism by the acknowledgement of the economic, social, and – why not – spiritual value of certain spaces in the nature.

In this long-term war for the preservation of our leisure zones, we will always win and lose some battles. Neither the victories should be a reason to relax, nor should the defeats be a reason for giving up. 🌀

RADIOATIVIDADE



Fukushima radioactivity migrates through Pacific

DE FUKUSHIMA MIGRA PELO PACÍFICO



Partículas radioativas que escaparam da Usina Nuclear de Fukushima-Daiichi depois do terremoto e do tsunami de março de 2011 começam a concluir a travessia do Pacífico

Modelos científicos previam que parte da radiação que escapou após o acidente com a Usina Nuclear de Fukushima, Japão, começaria a chegar à Costa Oeste dos Estados Unidos no início de 2014, com pico em 2016.

Já há indícios dessa presença em águas ao largo do Canadá e do golfo

do Alasca.

Esses elementos radioativos que fizeram a travessia do Japão à Costa Oeste dos Estados Unidos, por ar e pela água, estão extremamente diluídos e praticamente não representam risco para a saúde da população ou ameaça à vida marinha. Nem por isso a peregrinação radioativa deve ser menos monitorada, afinal é preciso compreender o efeito e as consequências, a médio prazo, desse acidente nuclear.

E, indiretamente, confirmar os

modelos de circulação no oceano Pacífico.

No dia 11 de março de 2011, um terremoto de 9 graus na Escala Richter atingiu o Japão e provocou um tsunami, deixando mais de 15 mil mortos. Não bastasse a catástrofe natural, o abalo sísmico e as poderosas ondas provocaram danos irreparáveis aos reatores da Usina Nuclear Fukushima-Daiichi.

O derretimento dos reatores atômicos lançou no ar e nas águas do Pacífico vários isótopos radioativos, como iodo-131, céσιο-134 e céσιο-137. Isótopos são átomos do mesmo elemento químico com diferentes números de nêutrons. O céσιο-137 tem mais nêutrons que o céσιο-134, meia-vida mais longa (trinta anos contra dois anos), e pode permanecer no ambiente por décadas. A presença de céσιο-137 não é incomum, pode ser resulta-

do de testes de armas nucleares anteriores e da descarga de usinas nucleares.

Oceanógrafos, geofísicos e outros cientistas que acompanham a nuvem radioativa que Fukushima exalou revelaram em março de 2014 que dois isótopos radioativos, céσιο-134 e céσιο-137, foram detectados no mar de Vancouver, Colúmbia Britânica, Canadá.

“Qualquer céσιο-134 que surgir no Pacífico Norte tem origem em Fukushima”, disse John Smith, pesquisador do Bedford Institute of Oceanography, de Dartmouth, Nova Escócia, Canadá, que junto com outros cientistas está seguindo uma nuvem radioativa que escapou da usina nuclear japonesa.

Segundo entrevista ao site livescience.com, desde 2011,

Smith e seus colegas acompanham o aumento dos níveis de céσιο-134 em estações de monitoramento no oceano a oeste de Vancouver, o Pacífico Norte. No entanto, eles asseguram que as concentrações detectadas estão muito abaixo do limite de segurança canadense para níveis de céσιο na água potável.

Moradores da Costa Oeste dos Estados Unidos e do Canadá se mantêm preocupados com a contaminação radioativa. Entretanto, testes indicam que a radioatividade de Fukushima ainda não chegou a Washington, Califórnia ou Hawaí.

Oceanógrafos e especialistas americanos dizem que os níveis de radiação não ameaçarão a saúde humana nem a vida marinha. A estimativa é que fiquem bem abaixo do nível mais alto registrado no mar Báltico depois do acidente nuclear de Tchernobyl.

Artigos recentes sobre o impacto potencial dos vazamentos radioativos em curso a partir dos reatores nucleares danificados de Fukushima levaram a Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos EUA a tentar conter a preocupação pública. Dados de monitoramento do ar da EPA não revelaram nenhum elemento radioativo associado com os reatores japoneses, e mesmo os níveis encontrados foram muito baixos, sempre bem abaixo de qualquer nível de preocupação de saúde pública.

O problema é que, em Fukushima, água radioativa continua a escapar da usina danificada e a ameaçar o Pacífico.

Radioactive particles that escaped from Fukushima-Daiichi Power Plant after the earthquake and tsunami of March 2011 are ending their journey through the Pacific Ocean. Some scientific models foresaw that the radiation which escaped after the Fukushima Power Plant nuclear disaster in Japan would partially start reaching the US West Coast at the beginning of 2014, and be at its height by 2016.

Signs of such presence were already found in the waters offshore Canada and in the Gulf of Alaska.

These radioactive elements which crossed the Ocean from Japan to the US West Coast, whether by sea or air, are highly soft and actually should not present risks to the population health or a threat to the aquatic life. Even though, the radioactive journey should not be less monitored, since we will have to understand the medium-term effects and consequences of the nuclear disaster.

And, indirectly, confirm the crossing patterns in the Pacific Ocean.

On March 11, 2011, an earthquake of magnitude 9.00 on the Richter Scale hit Japan, causing a tsunami that left at least 15,000 dead. As if the natural disaster were not enough, the seismic tremor and the powerful waves caused irreparable damages to Fukushima-Daiichi Power Plant.

The nuclear reactors meltdown launched in the air and in the waters of the Pacific Ocean radioactive isotopes, such as Iodine-131, Cesium-134 and Cesium-137. The isotopes are atoms from the same chemical element with variable number of neutrons. The Cesium-137 has more neutrons than the Cesium-134, is half-life longer (thirty years against two years), and can remain in the environment for decades. The presence of Cesium-137 is not unusual and can result from former nuclear weapons or from nuclear power plant discharge.

In March 2014, oceanographers, geophysicists and other scientists, who were

following the radioactive cloud Fukushima had exhaled, revealed that two radioactive isotopes, Cesium-134 and Cesium-137, were detected in the waters of Vancouver, British Columbia, Canada.

"The only Cesium-134 in the North Pacific is there from Fukushima", said John Smith, researcher at the Bedford Institute of Oceanography, Dartmouth, Nova Scotia, Canada, who, among other scientists, is following the radioactive cloud that escaped from the Japanese power plant.

According to an interview for the site livescience.com, since 2011, Smith and his colleagues follow the increase of Cesium-134 rates in monitoring stations located in the North Pacific, west from Vancouver. Meanwhile, they assure that the concentrations detected are far below the Canadian Cesium security limit for drinkable water.

US-Canada West Coast residents are still worried about the radioactive contamination. However, some tests show that, up to now, Fukushima radioactivity did not reach the states of Washington, California and Hawaii.

American oceanographers and specialists say that the radiation levels will not threaten human health or the aquatic life. They consider that such levels will stay far below the highest level registered in the Baltic Sea after Chernobyl nuclear disaster.

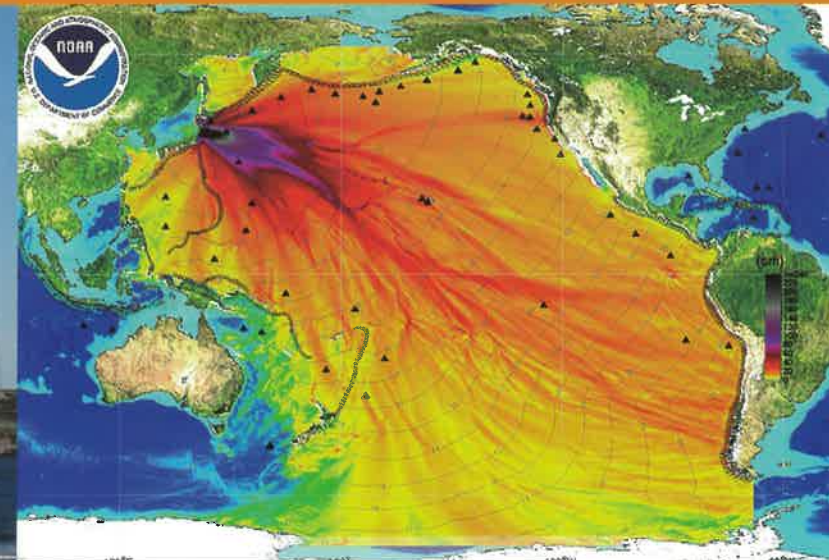
Recent articles on the potential impacts of current radioactive leaks at Fukushima power plant damaged reactors brought the US Environmental Protection Agency (EPA) to try to contain the public concern. EPA monitoring data on air did not show any kind of radioactive element related to the Japanese reactors, and the levels registered were very low, way below what would be considered as a threat to public health. Yet, the issue is that, in Fukushima, the radioactive waters are still flowing from the damaged power plant, putting the Pacific Ocean in jeopardy.



WARNING

RADIOACTIVE PARTICLES ARE BEING FOUND ON THE BEACHES AT SANDSIDE

IT IS NOT ADVISABLE TO TAKE CHILDREN OR ANIMALS ON TO OR DIG OR REMOVE MATERIAL FROM THE BEACH OR DUNES



Esta imagem acima levou pânico aos moradores do litoral do Pacífico. Criada pelo Centro de Pesquisa de Tsunamis da NOAA, a arte apresenta graficamente a altura máxima das ondas do tsunami gerado pelo terremoto no Japão em 11 de março de 2011. Ao contrário do divulgado pelo Facebook, ela não representa níveis de radiação a partir da usina nuclear de Fukushima danificada.

Para obter mais informações, visite a imagem original e a informação de fundo em <http://nctr.pmel.noaa.gov/honshu20110311>

This image above brought panic to the residents of the Pacific coast. Created by the Center for Tsunami Research NOAA, art graphically shows the maximum wave height of the tsunami generated by the earthquake in Japan on March 11, 2011. Unlike released by Facebook, it does not represent levels of radiation from the damaged Fukushima nuclear plant.

For more information, visit the original image and background information <http://nctr.pmel.noaa.gov/honshu20110311>.

Foto: Kenyu Takahashi

Ondas fantasmas: a esquerda de Ohsu Beach e a direita de Fukushima Beach (na página anterior).

Ghost waves: Ohsu Beach left and Fukushima Beach right (previous page)

Por Eduardo Petta
é jornalista



CAOS EM BALI: ENTRE TUBOS E PLÁSTICOS.

Lixo nas praias dessa ilha da Indonésia preocupa surfistas e ativistas.

*CHAOS IN BALI: BETWEEN PIPES AND PLASTICS.
Surfers and activists are concerned
with the garbage on beaches
of this Indonesian island.*



Em junho de 2012, Kelly Slater surfou bons tubos em Sanur, Keramas e Padang Padang. Mas saiu da ilha dos Deuses assustado, mandando ver em seu twitter: "Se Bali não fizer alguma coisa séria sobre a poluição de suas praias, vai ser impossível surfar aqui em poucos anos. Nunca vi nada pior".

Passados quase dois anos depois da profecia, a situação só parece piorar. Ainda mais na chamada estação das águas, quando as chuvas lavam rios e riachos para o mar e depois o vento on shore varre para a costa todo o lixo de volta.

Desagradável tubo de detritos e bactérias.
Nasty tube of debris and bacteria.

Foto Zae Noyle

Há três anos morando em Bali, tenho visto e ouvido falar coisas que machucam o coração. Em Uluwatu, que recebe em média 30 mil visitantes por mês, os cerca de cinquenta estabelecimentos não possuem um sistema de esgoto adequado.

Recentemente, o hotel Blue Point, famoso pelo casamento de chineses e pela piscina de fundo infinito em cima de Race Tracks, foi pego na calada da noite despejando suas águas feito cascatas do alto da falésia.

E o lixo intimida quem sai pela caverna para surfar.

Em Canggu, paraíso dos groms, onde mora a maior parte dos expatriados, a sujeira dessa época do ano é tão grande que muitos pais proibem os filhos de surfar depois da chuva.

Kian Martin, promessa brasileira, bicampeão do Taj's Smalls Fries na Austrália, mostrou para mim a perna cheia de furúnculos por causa da "qualidade" da água. "Tive que tirar no hospital e ficar sem surfar uma semana, diz o guri de 12 anos, patrocinado pela Billabong.

Seu comparsa de surfê, Sonny Perrussel, 14 anos, patrocinado pela O'Neill, também lamenta. "Estou com nojo de surfar aqui. Olha este cheiro de esgoto. Minha pele fica toda oleosa. Cansei de pegar infecção no ouvido", desabafa.

Ele organizou a Bye Bye Plastic Bag junto com os amigos, e está colhendo assinaturas para banir a sacola plástica de Bali.

"Por enquanto, já foram 50 mil assinantes. Para mexer o seu traseiro, o governador de Bali, Made Mangku Pastika, quer ver 1 milhão de assinantes. É brincadeira", diz o inglês criado nas esquerdas de Perenenan. Made Pastika é uma contradição. Diz ser a favor da ecologia e pediu uma moratória na construção de resorts. Mas foi o primeiro a liberar o gigante Mulia de 700 quartos, que dizimou a antiga vila de pescadores em Nusa Dua com prédios muito mais altos que os coqueiros (antiga lei balinesa); e está liberando toda a área de Pandawa para urbanização.

A praia de Pandawa, que em balinês significa "praia Secreta", era o tesouro de poucos até dois anos atrás.

Além disso, seu investimento em saneamento básico e lixo é quase zero. Ao contrário, resolveu quintuplicar o antes acanhado aeroporto de Bali. O turismo cresce vertiginosamente, assim como os dólares na ilha. Em 2013 foram 3,1 milhões de visitantes internacionais (fora o turismo indonésio — cada vez maior), 11% a mais que em 2012.

Somados aos 4 milhões de habitantes,

mais 500 mil expatriados, são todos responsáveis pela produção de 750 toneladas de resíduos sólidos por dia, consumindo 2 milhões de garrafas plástica de água e tantos outros de sacolas por dia, sendo menos de 1% deste total reciclado.

O resto é queimado, ou vai parar nos rios ou aterros sanitários e, ao final, no mar, nas ondas.

Onde moro e surfo com meu filho Tiago, de 9 anos, na costa leste, a situação também vai ladeira abaixo. Esta semana quebraram altas ondas, tubulares perfeitas. No domingo, em Serangan, a água estava azul cristalina, mas tinha tanto lixo boiando que bati em algo no meio de um tubo e perdi duas quilhas e copinhos da minha prancha.

Na terça resolvi surfar depois da chuva em Keramas. As ondas estavam de cinema, mas logo me arrependi de entrar no mar. Tinha tanta sujeira que era impossível remar sem tocar o tempo todo nos plásticos. Vi peças de carro boiando que podiam matar alguém. Vi o cadáver de um cão boiando, mochilas... Saí do mar e fui direto tomar um banho.

"Se você visse o que vejo do alto do meu stand-up, nem surfava mais", diz Christopher Carson, dono da SUP Wave Hunters, na Sunset Road. "Moro há 20 anos em Bali. Cada ano fica pior. A sujeira está incalculável" diz.

Para Made Mangku Pastika, a sujeira dos plásticos é um fenômeno natural do planeta. "Boa parte vem de Java. Não temos culpa. Ninguém tem culpa. É cíclico. Estamos fazendo o possível para limpar." Carson discorda. "O balinês joga tudo nas ruas e nos rios. Antes eram folhas de bananeira, mas hoje vem tudo em plástico. Isso sem falar nesse consumo louco dos turistas."

Para o professor de ecologia Mark Browne, da Plymouth University, Inglaterra, existe ainda outro perigo. "Os microplásticos dissolvidos são ingeridos pelos micro-organismos marinhos que alimentam os peixes. Quem come peixes, está ingerindo plásticos", afirma.

"Precisamos nos unir e nos mexer", diz Michael O'Leary, surfista australiano e fundador da ROLE (Rivers, Oceans, Lands Education) Foundation, entidade que está ajudando a limpar Uluwatu, recolhendo os óleos de cozinha dos estabelecimento, limpando o rio subterrâneo que deságua na caverna, além de promover a coleta seletiva na falésia, em mais de cinquenta estabelecimentos.

Segundo O'Leary, ainda há muito que fazer enquanto é tempo. "As ondas continuam perfeitas. Só depende de nós se vamos surfar em ondas limpas ou assistir impávidos da bancada. Depois não adianta chorar".

In June 2012, Kelly Slater rode some good tubes in Sanur, Keramas and Padang Padang. Even though, he left the island of Gods rather astounded and twitted: "If Bali does not do something serious about its pollution [on the beaches], it will be impossible to surf here in a few years. Worst I've ever seen".

Almost two years after such prophecy, the situation seems to get even worse. Even more, in the so-called wet season, when rains wash over rivers and streams down to the sea before the wind starts sweeping all the garbage back to the shore.

Living in Bali for three years, I've seen and heard about painful things. In Uluwatu, which receives about 30,000 visitors per month, the nearly 50 establishments do not have a suitable drain system. Recently, the Blue Point hotel, well-known for its Chinese weddings and the infinite swimming pool above Race Tracks, was caught out in the dead of the night decanting its waters as if it were a cascade from the top of the cliff.

And the garbage intimidates who comes out from the cave to surf.

In Canggu, the groms paradise, where most of the expats live, the amount of dirt at this time of the year is so high that many parents forbid their children to surf after the rain.

Kian Martin, a Brazilian prospect, Australian Taj's Smalls Fries two-time champion, showed me his leg full of boils because of the water "quality". "I had to go to the hospital to get them removed and I could not surf for a whole week", says the 12 years old boy under Billabong sponsorship.

His surf partner, Sonny Perrussel, 14 years old, sponsored by O'Neill, also complains and reveals: "I feel sick about the idea of surfing here. There is a smell of sewage. My skin becomes oily. I am tired of suffering from ear infections".

Together with friends, he organized Bye Bye Plastic Bag and he is gathering signatures to ban the plastic bags in Bali.

"Up to now, we gathered 50,000 signatures. I order to move his ass, the governor of Bali, Made Mangku Pastika, wants to see 1 million signatures. He must be joking", says the Englishman who was raised on the left-hand waves of Perenenan. Made Pastika is a contradiction.



Mar tóxico.
Toxic sea.

He pretends to favor the ecology and asked for moratorium on resorts building. But he was the first to authorize the enormous Mulia of 700 rooms, which decimated an old fishing village in Nusa Dua with buildings higher than the coconut trees (old Balinese law); and he is giving permission to urbanize Pandawa area as a whole.

Pandawa beach, which in Balinese language means "secret beach", was still a treasure about two years ago. Moreover, the investments he makes on basic sanitation and garbage is almost nothing. Quite the opposite, he decided to increase fivefold Bali small airport. Tourism, together with the amount of dollars, increases dizzyingly in the island. In 2013, there were 3,1 million international visitors (without considering the increasing Balinese tourism), 11% more than 2012.

Added to 4 million inhabitants and 500,000 expats, all of them are responsible for the production of 750 tons of solid residues per day, consuming 2 million of water plastic bottles besides the same amount of plastic bags per day, from which less than 1% is recycled.

The surplus is burned or goes to rivers and landfill sites before getting to the sea, in the waves.

Where I live and surf with my 9 years old son, Thiago, on the east coast, the situation is also getting worse and worse. This week we had huge, tubular and perfect waves. On Sunday, in Serangan, the water was crystal blue, but there was so much floating garbage that I hurt something in the middle of a tube and lost two keels and leash cups of the surfboard.

On Tuesday, I decided to surf after the rain in Keramas. The waves were cinematographic, but soon I saw I had taken the wrong decision to enter the sea. There was so much garbage that I could not paddle without touching plastic objects all the time. I saw automobile parts floating that could kill someone. I saw the floating corpse of a dog, rucksacks... I came out of the sea to directly take a shower.

"If you had seen what I saw on top of my stand-up, you wouldn't even surf anymore", says Christopher Carson, owner of SUP Wave Hunters, on Sunset Road. "I have lived in Bali for 20 years. Each year the things are getting worse. The amount of dirt is immeasurable."

As per Made Mangku Pastika, the plastic dirt is a natural phenomenon of the planet. "Most of it comes from Java. It is not our fault. No one is to blame. It is cyclic. We are doing our best to clean up." Carson disagrees. "Balinese people throw everything in the streets and in the rivers. Before, they used banana leaves, but now everything is wrapped with plastic. Not to speak of the insane consumption of the tourists."

According to Mark Browne, ecology teacher by Plymouth University, England, there is also another danger: "Once dissolved, the microplastics are ingested by micro-organisms which feed the fishes. By eating fish we ingest plastics", affirms Browne.

"We need to gather ourselves to do something", says Michael O'Leary, an Australian surfer and founder member of ROLE (Rivers, Oceans, Lands Education) Foundation, an entity which helps to clean Uluwatu by collecting kitchen oil from restaurants, and cleans the subterranean river flowing into the cave, besides promoting the selective collection on the cliff in more than 50 establishments.

According to O'Leary, there is a lot to do while there is still time. "The waves are still perfect. It depends on us if we are going to surf on clean waves or remain impassive observers from the bench. If so, there will be no reason left to cry."

7 DICAS PARA REDUZIR, REUSAR OU RECICLAR PLÁSTICO:

- diga não ao uso de sacolas plásticas e use e re-use a que você por acaso já tiver;
- apoie estabelecimentos que reciclam;
- boicote produtos com excessivas embalagens plásticas;
- compre produtos reciclados;
- desape seus negócios locais a reduzir e reutilizar o plástico;
- recicle com criatividade qualquer objeto que você comprou de plástico;
- pergunte na sua comunidade como você pode ajudar.

HERE ARE SEVEN CLUES IN ORDER TO REDUCE, REUSE OR RECYCLE PLASTICS:

- say no to the use of plastic bags and use and reuse those that you may already have;
- support establishments which recycle;
- boycott products with excess of plastic packaging;
- buy recycled products;
- challenge the local business to reduce and reuse plastics;
- recycle with creativity any plastic object you bought;
- ask your community on how you can help.

Tudo no lugar certo, menos a embalagem de chocolate.
Everything is on the right place except the chocolate package.

Foto Ricardo Borghi

Quem quiser saber mais sobre o assunto, projetos, soluções ou assinar as petições para banir o plástico em Bali, veja os links:

If you want further information on the matter, the projects and solutions or to sign the petitions to ban plastics in Bali, access:

- https://secure.avaaz.org/en/petition/Bye-bye_Plastic_Bags_On_Bali/?cPcZNgb
- <http://www.byebyeplasticbags.com>
- <http://www.rolefoundation.org>
- <http://balifokus.asia/balifokus/>
- <http://www.eco-bali.com>
- <http://www.gus-bali.org>
- <http://balirecycling.com>
- <http://www.surfersvillage.com/content/role-foundation-partners-clean-uluwatu>

PRAIAS E OCEANOS EM XEQUE

IMPACTOS COLOCAM EM RISCO A BIODIVERSIDADE
THE BEACHES AND OCEANS IN CHECK. The impacts jeopardize the

O modo de vida da sociedade moderna tem acarretado muitos prejuízos ao ambiente marinho. Esses impactos apresentam diversas origens e formas de interação com os oceanos. Entre os impactos físicos, destacam-se a poluição por plásticos e construções de portos. Já entre os impactos químicos, a acidificação oceânica e a poluição por contaminantes orgânicos persistentes (POPs).

IMPACTOS FÍSICOS

A poluição dos oceanos por plásticos ocupa cada vez mais espaço nos meios de divulgação, como jornais, revistas e televisão.

No entanto, a população brasileira está longe de alcançar a real compreensão do problema.

O plástico é um material extremamente durável. Estima-se que o primeiro plástico feito pelo homem, se não foi reciclado ou queimado, ainda continua no planeta.

A preocupação com o acúmulo de plásticos nos oceanos é embasada em sua durabilidade, na produção mundial e no consumo de itens plásticos de uso único.

A produção mundial de plásticos em 1950 foi de 1,5 milhão de toneladas. E em 2010 esse valor cresceu absurdamente, alcançando impressionantes 265 milhões de toneladas—aproximadamente 1.200 vezes o peso do maior navio de cruzeiro do mundo, o Oasis of the Seas.

Parte desse plástico acaba nos oceanos por má gestão de resíduos sólidos, falta de educação da população ou poluição acidental.

Uma vez em águas marinhas, os plásticos causam impactos diretos aos organismos que ali vivem por aprisionamento ou ingestão acidental.

Pesquisadores brasileiros que trabalham com tartarugas marinhas frequentemente encontram plástico no estômago dos animais e apontam que a morte, muitas vezes, é causada pelo comprometimento do aparelho digestivo.

A construção de portos é um bom exemplo da interferência do homem no ambiente costeiro. Os ataques de tubarões em Recife, por exemplo, aumentaram muito depois da construção do porto de Suape, em sua região metropolitana, ao sul do município.

A construção e funcionamento do porto alteraram as características locais do ecossistema marinho, o que acabou facilitando os ataques de tubarões a banhistas. O porto de São Sebastião, no Litoral

Norte do estado de São Paulo, também tem chamado a atenção nestes últimos tempos por causa de seu polêmico projeto de ampliação.

Planejando receber mais e maiores navios cargueiros, o projeto de expansão prevê a utilização de parte da baía adjacente ao porto, a baía do Araçá. Além de impactar a rica biodiversidade da região, as construções mudarão completamente o funcionamento da teia alimentar e o consumo de matéria orgânica pelos organismos.

A ampliação do porto também inviabilizará as históricas atividades da população caiçara tradicional: pesca e coleta de mexilhões na baía do Araçá.

A baixa infraestrutura municipal do sistema sanitário também preocupa a população do município, que teme pelo colapso do sistema com o aumento populacional decorrente da expansão do porto.

IMPACTOS QUÍMICOS

Nem todas as ameaças aos oceanos e praias são visíveis, caso dos poluentes orgânicos persistentes (POPs).

Esses compostos são largamente utilizados como pesticidas em lavouras e, como o próprio nome diz, são persistentes, pois resistem à degradação química, fotolítica (causada pela luz solar) e biológica, ou seja, têm um alto poder de resiliência nos oceanos.

O caminho desses compostos até o oceano é simples: são carregados pela chuva ou água de irrigação, chegam aos rios e desaguam no oceano. Os compostos químicos têm a capacidade de se acumular em organismos vivos, processo chamado de bioacumulação.

A concentração deles tende a aumentar ao longo da teia alimentar, podendo causar desregulações hormonais, mutações e câncer, inclusive para os humanos, que se encontram no topo dessa teia.

O aumento expressivo de emissões de CO₂, resultado da queima de combustíveis fósseis, preocupa não só por aumentar a temperatura atmosférica, e consequentemente dos oceanos, mas também por tornar os oceanos mais ácidos.

A água marinha é o maior reservatório mundial de CO₂. Isso significa que existe um sistema natural capaz de absorver esse componente da atmosfera e convertê-lo em outras substâncias dissolvidas na água.

O que preocupa os cientistas é a produção excessiva desse gás.

O sistema natural pode não suportar esse aumento de emissões, e o mar pode começar a ficar mais ácido, processo chamado de acidificação oceânica.

O branqueamento dos corais é um fenômeno resultante do aquecimento e da acidificação dos oceanos. Esse fenômeno já foi reportado em diversas localidades do planeta, inclusive na Grande Barreira de

E O FUNCIONAMENTO DOS ECOSISTEMAS MARINHOS
biodiversity and the work of the marine ecosystems.

Coral, na Austrália, e no maior complexo recifoso do oceano Atlântico Sul, o banco de Abrolhos, Bahia.

Os corais vivem em associação com algas fotossintetizantes, ou seja, parte da energia que o coral usa para viver e crescer vem do Sol. Com a acidificação e o aumento da temperatura da água do mar, essas algas acabam morrendo, e o coral sofre um déficit energético, diminuindo sua taxa de crescimento e tornando-se suscetível a diversas doenças.

The way modern society is living brought lots of damages to the marine environment. Such impacts have several origins and ways of interacting with the oceans.

Among the physical impacts, pollution by plastics and harbor construction shall be stressed. Yet, regarding the chemical impacts, we should highlight the oceanic acidification and pollution through persistent organic pollutants (POPs).

Physical impacts

The pollution of oceans by plastics is increasingly noticed by the media, whether newspapers, magazines and television.

Meanwhile, the Brazilian population is far from perceiving the real scope of the issue. Plastics are very durable materials. We may consider that the first man-made plastic object, if it has not already been recycled or burned, still is on the planet.

The concern with the amount of plastics in the oceans is grounded on its durability, just as in the world production and consumption of single-use plastic items.

In 1950, the plastic world production was of 1.5 million tones. In 2010, this amount amazingly increased, reaching the astonishing amount of 265 million tones – almost 1,200 times the weight of the Oasis of the Seas, the biggest cruiser in the world.

Part of the plastic going to the sea comes from the bad management of solid residues, the lack of education of the population, or from accidental pollution. Once in the marine waters, the plastics cause direct impacts on the organisms living there whether by trapping, whether through accidental intake.

Brazilian researchers working on marine turtles use to find plastics in the stomach of the animals and stress that the death is frequently caused by irreversible damages on the digestive system.

Harbors construction is a good example of the human interference on the coastal environment. Shark attacks in Recife, for instance, highly increased

after the construction of Suape harbor, in the south of metropolitan area.

The harbor construction and maintenance altered local characteristics of the marine ecosystem, making easier for the sharks to attack the swimmers. São Sebastião harbor, on the North Shore of São Paulo state, lately drew some attention due to its controversial project of expansion.

In order to receive more and bigger freighters, the expansion project foresees the use of part of Araçá bay, adjacent to the harbor. In addition to the impacts on the rich biodiversity of the region, the constructions will totally change the local food web and the consumption of organic material by organisms.

The harbor expansion will also hinder historical activities of the traditional Caiçara communities (of Indian-European population): fishing and mussel collection in Araçá bay.

The local population also feels concerned about the weak municipal sanitary system infrastructure and fears the collapse of the system as a result of the population increase the harbor expansion will cause.

Chemical impacts

Not even all the threats against beaches and oceans are visible, as in the case of persistent organic pollutants (POPs)

These composites are widely used as crop pesticides and, as the name says, are persistent as they resist to chemical degradation, whether photolytic (caused by sunlight) or biologic, i.e., they are highly resilient in the oceans.

The journey of these composites to the ocean is quite simple: they are carried by the rain or the irrigation waters, go to the rivers and then into the ocean. The chemical composites are able to

gather on living organisms, in a process called bioaccumulation.

Their concentration tends to increase within the food web, and can cause hormonal disorders, mutations and cancer, including for the humans who are on top of the web.

The expressive increase of CO₂ emissions, as a consequence of the burning of fossil fuels, is a matter of concern, not only due to the rise of the atmospheric temperature, and therefore of the oceans, but also because the oceans are becoming more acid.

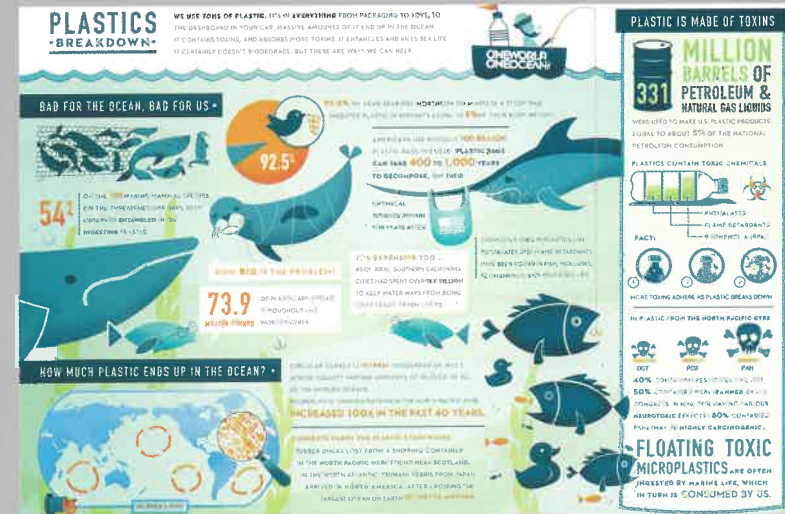
The marine waters are the world biggest CO₂ reservoir. It means that a natural system can absorb this composite from the atmosphere, turning it into other substances which are dissolved by the water.

The excessive production of such gas worries the scientists.

The natural system may not bear such emissions increase and the sea can become more and more acid, in a process called oceanic acidification.

The coral bleaching phenomenon results from the oceans warming and acidification. Such phenomenon was already related in several places around the world, including the Australian Great Barrier Reef and in the biggest reef complex of the Southern Atlantic, the Abrolhos bank in Bahia.

The corals live together with photosynthetic seaweeds, i.e., part of the energy the coral uses to live and grow comes from the sun. With the acidification and the waters temperature increase, these seaweeds are dying, and the coral suffers from energetic deficit, reducing its growing rate and turning it sensitive to several illnesses.



Por Alceu Toledo Junior
jornalista

SAVE THE WAVES:

A Save the Waves Coalition é uma organização global sem fins lucrativos, dedicada à proteção e preservação do meio ambiente costeiro. “Somos um grupo dedicado de surfistas, cientistas e ativistas que compartilha a crença comum de que as áreas costeiras selvagens ao redor do mundo são preciosas e valiosas e precisam ser protegidas”, explica o site da entidade com sede nos EUA, que vem trabalhando pela qualidade das ondas de todo o mundo.

A primeira batalha da Save the Waves ocorreu no início de 2001, na ilha da Madeira, Portugal, quando o governo propôs a construção de uma marina na aldeia de Lugar de Baixo, justamente no local onde quebra uma onda perfeita. O fotógrafo e jornalista Will Henry, surfista da Califórnia e visitante frequente da ilha, soube do projeto da marina por meio de seus amigos madeirenses durante uma viagem anual para a ilha.

Justamente durante a visita, ele testemunhou as primeiras fases do projeto, com a presença de tratores e guindastes erguendo um paredão ao longo da costa. Em poucos dias, uma onda perfeita foi danificada pelo backwash da praia recém-alterada. Um grupo de jovens, não mais do que 40 na época, sentia-se impotente para fazer qualquer coisa a respeito da destruição.

Henry tomou uma decisão. Voltou para os EUA e, prometendo lutar contra a destruição do litoral em todo o mundo, fundou a Save the Waves Coalition. A organização reuniu inúmeros grupos de ambientalistas, formando uma aliança e iniciando uma campanha que causou um enorme clamor de surfistas e defensores das regiões costeiras ao redor do mundo.

Na ilha da Madeira, reagindo à pressão de Henry e da Save the Waves, o governo cedeu, e a marina foi transferida para outra baía. Desde então, a Save the Waves assumiu batalhas semelhantes em muitos outros lugares.

A organização descobriu que os problemas que ameaçavam o litoral da Madeira não eram originais, mas na verdade estavam acontecendo em muitos outros países, muitas vezes onde não havia grupos para proteger a costa.

ENTIDADE ASSUME O PATRIMÔNIO DOS SURFISTAS

SAVE THE WAVES: an entity takes on the surfers' estate



Foto: Will Henry

Santa Cruz, ondas perfeitas, qualidade da água nem tanto.
Santa Cruz: perfect waves with bad quality water.

Agora a organização está envolvida com programas e campanhas em vários países em todo o mundo, ajudando as organizações locais e os indivíduos a proteger sua própria costa. A Save the Waves também criou programas proativos, tais como documentários e projetos de pesquisa, para continuar a educar o público quanto ao valor ambiental, social e econômico das praias.

O projeto de “reservas mundiais de surf” tem como objetivo identificar e preservar zonas de surf e seus ambientes em todo o planeta. O programa serve como um modelo global para a preservação das ondas, reconhecendo os benefícios am-

bientais, sociais, culturais e econômicos positivos de locais com ondas de qualidade.

A Save the Waves Coalition lançou em 2009 um projeto com a missão de identificar a qualidade e consistência de uma zona de surf, levando em consideração as características ambientais únicas da área, a cultura e a história do surf na região, bem como o apoio oferecido pela comunidade.

O resultado é a formação de uma rede contínua e global das reservas de surf, devidamente reconhecida pelas comunidades de surf e entidades ambientais internacionais, em parceria com as comunidades locais.

As reservas mundiais de surf unem a comunidade global de surf para proteger a maioria dos spots "sagrados" do mundo, bem como inspira as comunidades locais a proteger suas próprias ondas.

"Ser reconhecida como reserva mundial traz muitos benefícios para a região", diz o americano Nik Strong-Svetich, 32 anos, diretor-executivo do Save The Waves. Para ele, além do reconhecimento internacional para os recursos da comunidade, as ondas passam a ser ainda mais protegidas.

"Temos vivenciado, em escala global, o orgulho e a realização das pessoas ao perceber como é especial o que elas pos-



Foto: Gina Simotte

suem", explica o surfista do estado de Washington, região de ondas grandes e geladas. Basicamente, o trabalho é conscientizar as comunidades para a proteção das ondas a longo prazo, debatendo a legislação e sugerindo projetos para melhorar a qualidade da água, reduzir o lixo nocivo ou impedir o desenvolvimento costeiro insustentável.

"Também ocorrem benefícios econômicos do ponto de vista do turismo, além de valor agregado à praia que faz parte da marca World Surfing Reserve", garante Strong-Svetich, um especialista em gestão ambiental que vive em Santa Cruz, norte da Califórnia.

Gestor do processo que levou as praias da Califórnia à categoria de World Surfing Reserve, ele diz que a qualidade da água no mar e na lagoa é o maior problema de Malibu, um dos redutos mais clássicos do surf nos EUA.

"Esta é uma questão ambiental de dimensões políticas", avalia.

Em Santa Cruz, a água também é motivo de preocupação, sobretudo em Cowell's Beach, com registro de doenças entre os praticantes de surf e de natação. "Nosso objetivo é reduzir significativamente a contaminação a partir do ano que vem", diz.

Em relação à possibilidade de alguma praia do Brasil tornar-se reserva mundial, ele diz que houve uma petição vinda da Guarda do Embaú (SC), mas o pico de boca de rio sofreu muita concorrência de Uluwatu (Indonésia) e Punta Lobos (Chile), região selecionada neste ano. "Estamos limitados aos lugares em que podemos trabalhar durante um ano. Um lugar como Fernando de Noronha (PE) seria uma possibilidade incrível", garante.

"Pessoalmente, é uma honra e um prazer trabalhar para proteger esses lugares especiais. Quando uma onda se transforma em reserva, estamos protegendo muito mais do que a onda, mas o ecossistema em torno dela. Para mim, esta é a recompensa final. Sinto-me verdadeiramente abençoado por fazer este tipo de trabalho, por surfar estas ondas e por estabelecer um relacionamento de longo prazo com as comunidades", finaliza Strong-Svetich.

COMO TRANSFORMAR UMA PRAIA EM RESERVA MUNDIAL DE SURF

Há todo um caminho para a criação de uma reserva mundial de surf. O processo é conduzido num espírito de colaboração entre as comunidades locais e as reservas mundiais de surf.

O trabalho envolve a criação de um Conselho de Administração Local (CAL), um Plano de Administração Local (PAL), divulgação e educação da comunidade, bem como o planejamento para a alteração oficial do status do lugar.

Até o ano passado, cinco locais foram elevados à categoria de reservas mundiais de surf: Malibu, Califórnia; Ericeira, Portugal; Manly, Austrália; Huanchaco, Peru; e Santa Cruz, Califórnia.

Em 21 de janeiro de 2014, Punta de Lobos, no Chile, foi formalmente aprovada como integrante do grupo seletivo. E no México, está marcada para 21 de junho de 2014 a entrada da Bahía de Todos Santos à condição mundial de surf.

A entidade aceita doações. Para participar, os interessados devem acessar o site: <https://www.savethewaves.org/donation>



Foto: Junho



Foto: Will Henry

Na outra página: San Miguel, Bahía de Todos Santos. Foto maior: Malibu, Califórnia. Ao lado: a perfeição de Punta de Lobos.

Other page: San Miguel, Bahía de Todos Santos. Biggest photo: Malibu, California. Beside: Punta de Lobos perfection.

Save the Waves Coalition is a non-profit global organization, devoted to the protection and preservation of the coastal environment. "We are a devoted group of surfers, scientists, and activists, who share a common belief that our wild coastal areas around the world are precious and valuable, and need to be protected", explains the Internet site of the entity, with its headquarters in the USA, which is working for the quality of the waves in the whole world.

Save the Waves' first battle happened in the beginning of 2001, on Madeira Island, Portugal, when the government suggested the construction of a marina in the village of Lugar de Baixo, a perfect place for breaking waves.

The photographer and reporter Will Henry, California surfer and regular visitor of the island, was informed of the marina project by friends from Madeira while he was doing his annual trip to the place.

During the trip, he witnessed the project's first phase in which tractors and cranes were building a huge wall along the shore. Within a few days, a perfect wave was damaged by the backwash of the recently altered beach. A team of young people, no more than 40 at the time, felt powerless to do anything against the destruction.

Then, Henry decided to do something about it.

Back to the USA and having promised to fight against the destruction of the shores all over the world, he founded Save the Waves Coalition. The organization gathers several environmentalist groups which formed a coalition and started a campaign causing a great uproar between surfers and protectors of coastal areas around the world.

In Madeira Island, as a response to Henry and Save the Waves, the government moved backwards, and the marina was transferred to other bay. Since then, Save the Waves handled similar battles in several places.

The organization discovered that the troubles which threatened the Madeira shoreline were not unique, but were really happening in several other countries in which, most of the time, such coast defense groups did not exist.

Now the organization is getting involved in programs and campaigns in several countries around the world, helping local organizations and individuals to protect their own coast. Save the Waves also created proactive programs, such as documentaries and research projects to carry on with the education of the public about the beaches environmental, social and economic values.

The "world surfing reserves" (WSR) project aims to identify and preserve surf zones and their environment, in the whole world. The program serves as a global pattern for the waves' preservation, acknowledging the environmental, social, cultural and economic positive benefits of higher quality waves.

In 2009, Save the Waves Coalition launched a project aiming to identify the quality and consistency of a surf zone, considering the area unbeaten environmental characteristics, the culture and history of surf in the region, and the support given by the community.

The result is the setting up of a permanent and global net of surf reserves, duly acknowledged by surf communities and international environmental entities, in partnership with local communities.

The worldwide surf reserves unite the global community to protect most of the world "sacred" spots, and also inspire local communities to protect their own waves.

"I think there are many benefits to becoming a World Surfing Reserve. First, is international recognition for a community's resources. We really experienced this being a source of pride for people to realized what they have is special on a global scale. Second,

is increased protection for their surf resources. We spend a long time working with communities on how to protect these waves for the long term--whether if is passing legislation or completing projects to improve water quality, reduce harmful trash, or stop unsustainable coastal development. Third, is that from a tourism standpoint there is an economic benefit and value added of becoming part of the World Surfing Reserve Brand", says Nik Strong-Svetich, executive director of Save The Waves.

"In Malibu largely in has been issues on water quality and the lagoon, and how it impacts the quality of the wave. This is an environmental issue that has political dimensions to it. In Santa Cruz, we are coming together as a community in the WSR on the issues of Water Quality at Cowell's Beach. Currently, there are consistent water quality issues and people often get sick swimming or surfing at Cowells. Our goal is to reduce the contamination significantly by next year", explain this surfer from Washington who lives in Santa Cruz, California.

"We have had one application from Guarda do Embaú in Brazil, but it had significant competition from place like Uluwatu in Bali and Punta de Lobos in Chile, and we are limited in the places we can work in a year. A place like Fernando de Noronha would be an amazing submission as well", he reported.

"Personally, it is really an honor and a pleasure to be able to work to protect these special places. When we protect a wave at a WSR, we are also protecting much more than the wave, but the ecosystem around it. To me that is the ultimate reward. I feel truly blessed to be able to do this type of work, surf these spots and form long term connection with the communities we work with", says.

"I am 32 years old, and was born in the American state of Washington, where waves are usually big, cold and blown out. I now live in Santa Cruz in California. Before joining Save The Waves, I founded a leadership training program in conservation management, worked as a consultant in ecotourism development in coastal communities worldwide, and built innovative programs focused on water resource issues in the Monterey Bay area. In addition to Save The Waves, I am also an adjunct professor at the Monterey Institute of International Studies, teaching on topics water resource issues and non-profit management", ends.

How do we transform a beach into a world surf reserve?

The creation of a world surf reserve (WSR) follows a very specific path. The process has to be set under a spirit of collaboration between the local communities and the world surf reserves.

The work involves the creation of a local stewardship counsel (LSC), a local stewardship plan (LSP), community outreach and education, and also the forecast of the official dedication and implementation of the place.

Until now, five places have been dedicated as worldwide surf reserves: Malibu, California; Ericeira, Portugal; Manly, Australia; Santa Cruz, California; and Huanchaco, Peru.

In Brazil, negotiations are being held to transform Vila beach, in Imbituba (SC), into a world surf reserve.

In January 21, 2014 Punta de Lobos, Chile, has been formally approved as world surf reserve. And in México, Bahía Todos Santos dedication set for June 21, 2014.

The entity accepts donations. In order to participate, access the site: <https://www.savethewaves.org/donation>

EROSÃO

Por Sean Davey
fotógrafo

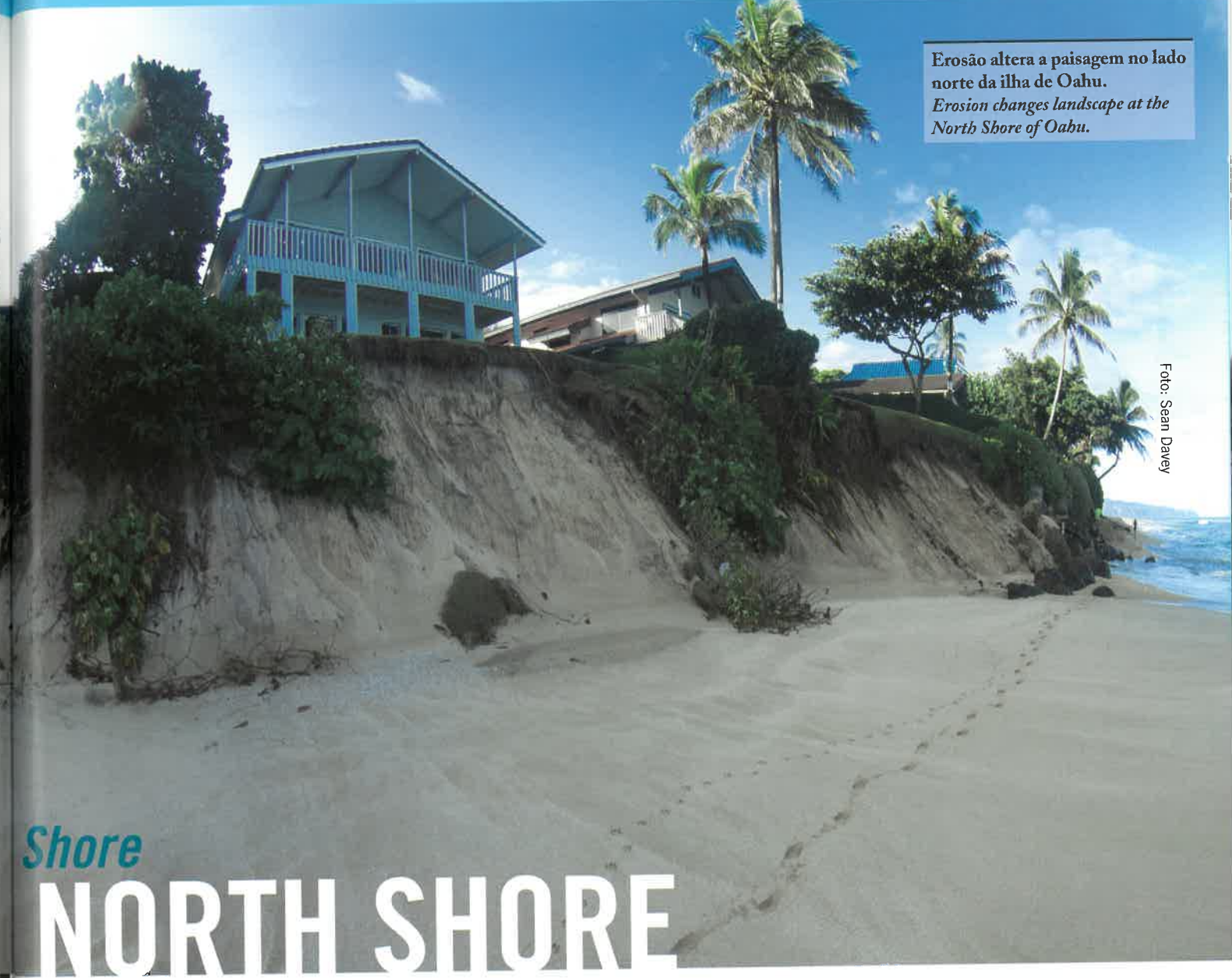


Erosion affects houses on the North Shore

AFETA CASAS NO NORTH SHORE



*Clima global parece fora de sintonia.
World's climate is out of tune.*



*Erosão altera a paisagem no lado norte da ilha de Oahu.
Erosion changes landscape at the North Shore of Oahu.*

Foto: Sean Davey

Moro no North Shore desde a metade dos anos 1990 e tenho visto muitas temporadas diferentes ao longo dos anos. Mas esta foi uma temporada bem diferente das passadas, com toda a areia no extremo oeste daquela região milagrosa, enquanto Rocky Point e Sunset estavam famintos por ela.

O resultado trouxe danos para algumas propriedades mais de uma vez na temporada.

Por alguma estranha razão, toda a areia foi empurrada para oeste durante o verão. Assim, no início da temporada dos swells, muitas propriedades ao longo do canto oeste de Sunset, conhecido como Kammies, sofreram perda considerável de areia, inclusive a casa de Fred Pattachia, que perdeu metade do seu jardim de frente para o mar.

A verdade é que todas as casas tiveram sorte por não terem sofrido abalos catastróficos. Cenário semelhante ocorreu novamente durante o mês de janeiro deste ano, quando uma boa quantidade de areia desapareceu de Rocky

Lefts, deixando ameaçadas algumas propriedades em um momento de swell monstro.

De alguma forma, os proprietários resistiram ao swell e à tempestade para salvar as casas. Porém, um pouco mais de areia foi engolida, deixando algumas residências com problemas estruturais.

Não tenho certeza de quanto o aquecimento global tem a ver com tudo isso. Mas o que se percebe é que o clima global parece fora de sintonia, como se o polo ártico tivesse ido parar mais ao sul, sobre o Canadá.

Houve muitas tempestades recordistas neste ano, particularmente nos EUA, enquanto estados do sul da Austrália passam por ondas de calor.

Percebe-se que o ano está para tempestades na Europa. Algumas das piores já registradas.

Eu realmente gostaria que se investigasse a possibilidade de que os polos de fato invertem. Esse cenário faz mais sentido para mim.

I've lived on the North coast since the mid-late 90 and have seen a lot of different situations over the years, but this was very different to past seasons where all the sand remained to the west end of the miracle seven miles, suffocating everything that breaks from Keiki to Pipeline with excessive amounts of sand, while Rocky Point, monster Mush and Kammie-land (located between Rocky Point and Sunset were starved for sand, resulting in some damaged property, not once but twice this season.

For some strange reason, all the sand was pushed west during the summer, so when the waves began early in the season, several houses along the west end of Sunset, (known as Kammie's) suffered great loss of land, including the house of Fred Pattachia who lost half his backyard to the ocean.

All the houses were fortunate to not have suffered catastrophic damage. A similar scenario occurred again during the beginning of January this year, when large quantities of sand disappeared from Rocky Lefts, exposing five houses by the sea and the biggest threat to the right when they were predicting a swell monster.

Somehow, they managed to weather the storm and save their homes, but again a bit of land was swallowed and some houses incurring structural damage. I'm not sure how much global warming has to do with all this, but has anyone ever noticed that the worlds climate seems out of tune.

It's almost as if the arctic pole moved somewhere further south over Canada. So many storms record cold this year, particularly in the United States, while the southern states of Australia were in heat waves. And look crazy year for storms in Europe.

Some of the worst recorded there... I really like to see some research into the possibility that the poles actually changed. This scenario makes more sense to me...

Fachada da casa de Freddy P em Rocky Point.
Freddy P's front house at Rocky Point.





AGRADECIMENTO ESPECIAL PARA MILLA MONTEIRO E FILIPE CHAVES



#BIGDREAMS

A D R I A N O D E S O U Z A



HDSURF.COM.BR



PLANETA ÁGUA. ATÉ QUANDO?

USERESERVA.COM